



AMAZÔNIA
2030



MESAS EXECUTIVAS: O PANORAMA DO AÇAÍ



Preâmbulo: Por que um Estudo Pré-Mesa?

Na Amazônia, os empreendimentos dedicados aos produtos compatíveis com a floresta enfrentam escassez debilitante de diversos recursos compartilhados setoriais (ReCS) importantes, incluindo marcos regulatórios adequados, conhecimento sobre as melhores técnicas produtivas e dados atualizados sobre oportunidades de mercado. Apesar de sua enorme importância, esses recursos podem permanecer escassos por tempo indeterminado pois ocupam um certo limbo organizacional: por um lado, são demasiado específicos para atraírem atenção continuada dos órgãos públicos. Por outro lado, são demasiado compartilhados para serem providos por empresas de menor porte atuando isoladamente. O desafio, portanto, é de coordenação horizontal, isto é, entre os negócios de um mesmo ramo, e também vertical, conectando essas empresas ao governo.

As Mesas Executivas representam uma solução inovadora para esse desafio. Sua mecânica é simples de descrever: cada Mesa reúne cerca de 10 a 15 produtores de vanguarda de um setor e organiza sua atuação conforme uma lógica experimentalista, onde os diagnósticos são desenvolvidos de forma colaborativa pelos participantes e integrada com os planos de ação.

A instauração de uma nova Mesa exige alguns cuidados, e os Estudos de Pré-Mesa são peça central no arranjo pois eles atuam como motor de arranque dos trabalhos. Seu objetivo é orientar a instauração da Mesa Executiva e subsidiar suas primeiras reuniões, criando as condições iniciais necessárias para que a Mesa atue com firmeza e celeridade desde seu primeiro momento. Desse modo, os participantes vêm por si mesmos que a ação coordenada pode produzir excelentes resultados.

Para cumprir sua função, os Estudos de Pré-Mesa não buscam ser um retrato detalhado e completo de um setor, mas sim um documento executivo de apoio à decisão, baseado em dados secundários complementados por levantamentos primários pontuais. Mais do que uma descrição dos dados disponíveis, o estudo deve descrever os contornos do setor e apresentar uma narrativa fundamentada de sua trajetória recente, a natureza da concorrência, as perspectivas futuras de evolução, os principais obstáculos que os empreendedores da Amazônia parecem enfrentar, e como esses obstáculos estão sendo combatidos. Por fim, o relatório deve incluir uma lista das empresas que podem ter interesse em ingressar na Mesa Executiva, bem como dos demais atores individuais e coletivos, públicos e privados, relevantes para o setor .



Mesa Executiva de Beneficiamento do Açaí

A polpa de açaí é um alimento tradicional da região Amazônica, especialmente do Pará, mas ainda relativamente novo nos mercados nacional e internacional, onde continua a expandir sua presença de forma acelerada. Em 2023, a produção brasileira do fruto alcançou 1,93 milhões de toneladas, refletindo um crescimento de 68% desde 2015. Nesse mesmo período, a produção industrial de polpa expandiu 17 vezes. A demanda pelo produto tem sido tão forte que, apesar do aumento da oferta, o preço da polpa subiu de R\$4 para R\$8-10/kg. As exportações seguem a mesma trajetória. Em 2024, elas atingiram US\$140 milhões e alcançaram mais de 30 países.

Durante esse período, o Pará manteve e consolidou sua liderança absoluta no setor, com 80% da produção nacional e concentrada em municípios próximos a Belém e no entorno de Marajó. Esta aglomeração cria economias de escala, mas também algumas vulnerabilidades.

Os dados revelam três oportunidades para fortalecimento do setor. A primeira consiste no aumento da produtividade agrícola. A expansão tem ocorrido majoritariamente pela margem extensiva (aumento de área), mas a produtividade média de 7 ton/ha no Pará está abaixo do potencial de 15 ton/ha documentado em plantações tecnificadas.

A segunda oportunidade envolve expansão das exportações. O açaí exportado obtém R\$20/kg (FOB) contra R\$8-10/kg no mercado nacional, mas apenas 2,5-4,5% dos frutos colhidos são destinados à exportação, sugerindo que o mercado internacional ainda ocupa espaço marginal.

A terceira oportunidade consiste no fortalecimento do ambiente de negócios através de coordenação entre produtores, para reduzir seus custos, aumentar a eficiência, aprimorar a qualidade e proteger o setor da concorrência emergente. A Colômbia já produz 6 mil toneladas anuais com vantagem tarifária na União Europeia, enquanto Bahia, Ceará e outros estados brasileiros ampliam sua produção. Equador, Peru e Bolívia seguem pelo mesmo caminho.



Para aproveitar as vantagens atuais, o setor precisa enfrentar seis desafios:

- 1 Questões trabalhistas:** Reportagens sobre trabalho infantil ameaçam acesso a mercados exigentes
- 2 Pressões ambientais:** A “açaização” predatória pode transformar símbolo de sustentabilidade em sinônimo de degradação
- 3 Lacunas regulatórias:** Ausência de padronização gera insegurança tributária e compromete controle de qualidade
- 4 Monitoramento de safra:** Falta de sistema de previsão dificulta planejamento eficiente da cadeia
- 5 Tecnologia e inovação:** Necessidade de inovação desde colheita segura até novos produtos
- 6 Segurança alimentar:** O aumento da demanda externa põe pressão no preço do açaí vendido no Pará e outras regiões produtoras, ameaçando o acesso da população a esse produto tradicional.

Todos esses desafios são compartilhados e portanto a Mesa Executiva surge como instrumento adequado para apoiar a coordenação e promover o aumento na qualidade, sustentabilidade e inovação.

O setor vive momento favorável de crescimento acelerado, mas essa janela de oportunidade não permanecerá aberta indefinidamente. A inação permite que concorrentes externos reduzam a vantagem competitiva paraense e que vulnerabilidades trabalhistas e ambientais comprometam décadas de construção de mercado.



Relatório Preparatório para Instauração da Mesa Executiva de Beneficiamento do Açaí



Introdução

A polpa de açaí é um alimento típico da Amazônia, consumido por seus habitantes há séculos. Dados históricos são difíceis de obter, mas sabemos que, por volta de 1850, o explorador inglês Alfred Wallace visitou a região e descreveu com admiração como o produto estava integrado aos hábitos alimentares da população (p.23-24):

“Esta espécie [*Euterpe oleracea*] é muito abundante nas proximidades de Belém, e até mesmo na própria cidade. Cresce em várzeas inundadas durante as cheias — nunca em terra firme. [...] Uma bebida muito apreciada é feita a partir do fruto maduro, e vendida diariamente nas ruas de Belém. Moças índias e negras podem ser constantemente vistas andando com pequenos potes de barro em suas cabeças, soltando em intervalos um grito agudo de ‘Açaííí’. Se você chamar uma dessas jovens, ela colocará seu pote no chão, e você verá que está cheio de um líquido espesso e cremoso, de uma bela cor de ameixa. O equivalente a um centavo disto encherá um copo, e você pode então adicionar um pouco de açúcar a seu gosto, e encontrará um líquido peculiar com sabor de nozes, que você talvez não aprecie muito no início; mas, se você repetir a experiência algumas vezes, inevitavelmente se tornará tão aficionado a ponto de considerar o ‘Açaí’ um dos maiores luxos que o lugar produz. É geralmente tomado com farinha, o substituto do pão preparado a partir da raiz de mandioca, e com ou sem açúcar, de acordo com o gosto do consumidor.”

Cerca de 140 anos depois, o açaí deixou de ser um alimento regional e começou a conquistar o mundo. Primeiro, o produto foi levado para outras partes do Brasil, incluindo Rio de Janeiro e São Paulo, para ser consumido gelado, com xarope de guaraná, banana, granola e outros ingredientes, antes ou depois da prática de esportes. Após alguns anos, passou a ser exportado também para os Estados Unidos e depois para outros países, onde é consumido de diferentes formas. Hoje, o açaí é, provavelmente, o produto vegetal nativo e ainda produzido majoritariamente na Amazônia com maior sucesso comercial desde o ciclo da borracha (1860-1912).

Este documento apresenta uma análise sucinta dos dados disponíveis sobre essa cadeia de valor. Ele explora questões relativas à produção e à competitividade, com o intuito de informar a instauração da Mesa Executiva do Açaí, mantida pela SEMAS-PA.



Dados e Métodos

Esse relatório baseia-se majoritariamente em informações oficiais compiladas por diferentes órgãos públicos, como o IBGE e o MDIC, com destaque para as seguintes bases de dados:

- **Produção Agrícola Municipal (PAM)**
- **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS)**
- **Pesquisa Anual Industrial - Produtos (PAI-Produtos)**
- **Base de dados de comércio exterior (Comexstat)**
- **Censo Agropecuário de 1995, 2006 e 2017**

Cada uma dessas fontes tem suas características próprias, incluindo fortalezas e fraquezas. A PAM mede a produção de açaí cultivado e o açaí manejado de forma mais intensiva. As tabelas da PAM trazem área colhida (em hectares), volume produzido (em tons de frutas) e valor da produção (em mil R\$) de açaí, segmentado por estado e município. Sua cobertura temporal, porém, é relativamente curta, com dados apenas para o período 2015-2023.

A PEVS mede a produção extrativa. Ela inclui o volume produzido (em tons de frutas) e o valor pago ao produtor (em mil R\$) por estado e município. Diferente da PAM, a PEVS não inclui área colhida pois a área exata da produção extrativa é impossível de determinar. Sua cobertura temporal é longa, cobrindo o período de 1986 até 2023. Como as demais pesquisas, a PEVS registra os valores em moeda corrente, logo o período mais útil vai de 1994 até 2023, quando os dados estão registrados em R\$ (em valores nominais, sem ajuste para inflação).

Na prática, a distinção entre açaí cultivado ou manejado de forma mais intensiva (medido pela PAM) e o açaí extrativo (medido pela PEVS) é difícil de determinar pois praticamente todo açaí é manejado de alguma forma. Por isso, somamos os dados de volume e valor das duas pesquisas quando apropriado, e indicamos esses números como PAM+PEVS.

Uma outra limitação importante dos dados é que o IBGE consolida esses números com base em consultas feitas pelos seus agentes junto aos órgãos e entidades locais. Na prática, cada municipalidade reporta seus próprios números, e o IBGE não têm um leque amplo de fontes para fazer uma verificação independente dos dados. Isso significa que, na prática, e apesar do enorme esforço despendido pelo IBGE e seus apoiadores, há um componente arbitrário nessas informações.



A PAI-Produtos é uma pesquisa distinta, que mede a atividade industrial. No caso do açaí, ela mede a produção de polpas congeladas. Seus dados são produzidos através de consulta a uma amostra de empresas industriais extraídas de uma base com todas as empresas registradas junto ao governo federal. A PAI-Produtos estima o volume total de polpa comercializada (em toneladas) e a receita líquida total das vendas (em mil R\$), de todas as empresas que atuam nesse segmento no país, para o período 2014 a 2023.

Uma outra base de dados importante é a Comexstat, mantida pelo MDIC. Ela usa códigos da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) para registrar o volume (em kg líquidos) e o valor FOB das exportações (em US\$), com segmentação por estado e país de destino da mercadoria. A cobertura histórica é bastante longa. Nesse relatório, decidimos concentrar esforços no período 2002-2024.

Uma ressalva importante é que as estatísticas de comércio exterior do açaí carecem de precisão porque elas são registradas sob códigos genéricos ou residuais. Em 2018, as autoridades do governo criaram um código próprio para açaí (HS 2007.99.21), aninhado na categoria residual “Geleias, doces, purês e marmelades, de **outras frutas**”. Os dados de comércio exterior, porém, mostram que esse código é pouco utilizado pelos exportadores, então sua criação não teve efeito prático.

O relatório utiliza também dados de outras fontes, como o Censo Agropecuário conduzido pelo IBGE aproximadamente a cada 10 anos, outros relatórios técnicos e artigos acadêmicos. Para complementar essa base quantitativa, coletamos e analisamos também dados qualitativos obtidos através de entrevistas com empreendedores, ativistas socioambientais, representantes de órgãos públicos e pesquisadores que trabalham com o açaí. Uma ocasião importante foi uma conversa de aproximadamente 90 minutos com representantes de um grupo de oito beneficiadoras de açaí, facilitada pelo Grupo de Direitos Humanos e os Diálogos Pró-Açaí.



A Estrutura da Cadeia de Produção

A cadeia produtiva do açaí organiza-se em três elos interdependentes. O primeiro é a produção, onde o fruto é colhido das palmeiras. O segundo é o beneficiamento, no qual o fruto é processado para extrair a polpa e ela é transformada em produtos comercializáveis, como polpas pasteurizadas, sorvetes e açaí liofilizado. O terceiro é a comercialização, que engloba tanto a venda direta ao consumidor final (canal B2C) nos mercados local, nacional e internacional, quanto o fornecimento para a indústria alimentícia (canal B2B), onde os produtos beneficiados servem como ingredientes para outros alimentos.

A produção do fruto

A produção do açaí ocorre por meio de três sistemas principais que diferem em intensidade de manejo e produtividade. O extrativismo simples é realizado em florestas de igapó e várzeas, onde a espécie cresce naturalmente. Caracteriza-se por práticas tradicionais com colheita manual, na qual trabalhadores sobem nos troncos das palmeiras para cortar os cachos. A densidade natural das plantas é modesta, resultando em produtividade de aproximadamente 4,5 toneladas por hectare.

O manejo de açaízais nativos representa um sistema intermediário, no qual produtores intervêm no ambiente natural para promover o crescimento dos açaízais. Essas práticas incluem a remoção de espécies concorrentes e o plantio de mudas para aumentar a densidade das palmeiras. Em áreas manejadas com cerca de 1.500 plantas por hectare, onde aproximadamente metade encontram-se em fase produtiva, já foram registradas produtividades de até 9 toneladas por hectare.

O cultivo em terra firme assemelha-se à agricultura convencional e tem se expandido principalmente próximo a centros urbanos. Esses sistemas adotam maior controle no adensamento, tecnologias avançadas e, frequentemente, irrigação. Tais práticas permitem produção durante todo o ano, superando a limitação da sazonalidade tradicional. A variedade BRS Pai d'Égua, desenvolvida pela Embrapa, exemplifica o potencial desse sistema: com manejo adequado, pode alcançar produtividades médias de 10 toneladas por hectare, chegando a 15 toneladas em condições ideais.



Beneficiamento

Depois da colheita, o açaí passa por uma primeira etapa de beneficiamento, onde a polpa é extraída e o caroço é descartado. Na sequência, essa polpa pode ser comercializada ou convertida em outros produtos, como o sorbet, o sorvete e o açaí liofilizado. O beneficiamento costuma ser realizado por empresas de diferentes portes e níveis de formalização. Pequenos negócios, muitas vezes informais, utilizam batedeiras simples para atender o mercado local com polpa fresca não pasteurizada. Ao mesmo tempo, empresas maiores operam com equipamentos mais modernos, focando na pasteurização e controle de qualidade para atender mercados nacionais e internacionais.

O fruto do açaí é altamente perecível, com vida útil de apenas algumas horas em temperatura ambiente e até 12 horas sob refrigeração (Mattieto, 2021). Essa característica impõe grandes exigências logísticas à cadeia produtiva, fazendo com que as unidades de beneficiamento sejam implantadas próximas às áreas de coleta. O açaí é sazonal, e nas regiões próximas a Belém sua safra ocorre entre agosto e dezembro. A combinação da perecibilidade com a sazonalidade faz com que algumas empresas de maior porte instalem uma unidade fabril na região de Belém ou na região nordeste do Pará, e outra(s) unidades mais à oeste, onde a safra ocorre em meses subsequentes.

Comercialização

As beneficiadoras têm diversificado crescentemente seu portfólio de produtos. Além da polpa congelada tradicional, muitas já produzem sorvetes, gelatos (sorbets), polpa em pó liofilizada, óleos, extratos e outros derivados para venda no mercado local, nacional e internacional. Essa estratégia visa atender diferentes perfis de consumidores, agregar valor ao produto e ampliar sua vida útil, o que é essencial para exportações e entrada em novos mercados.

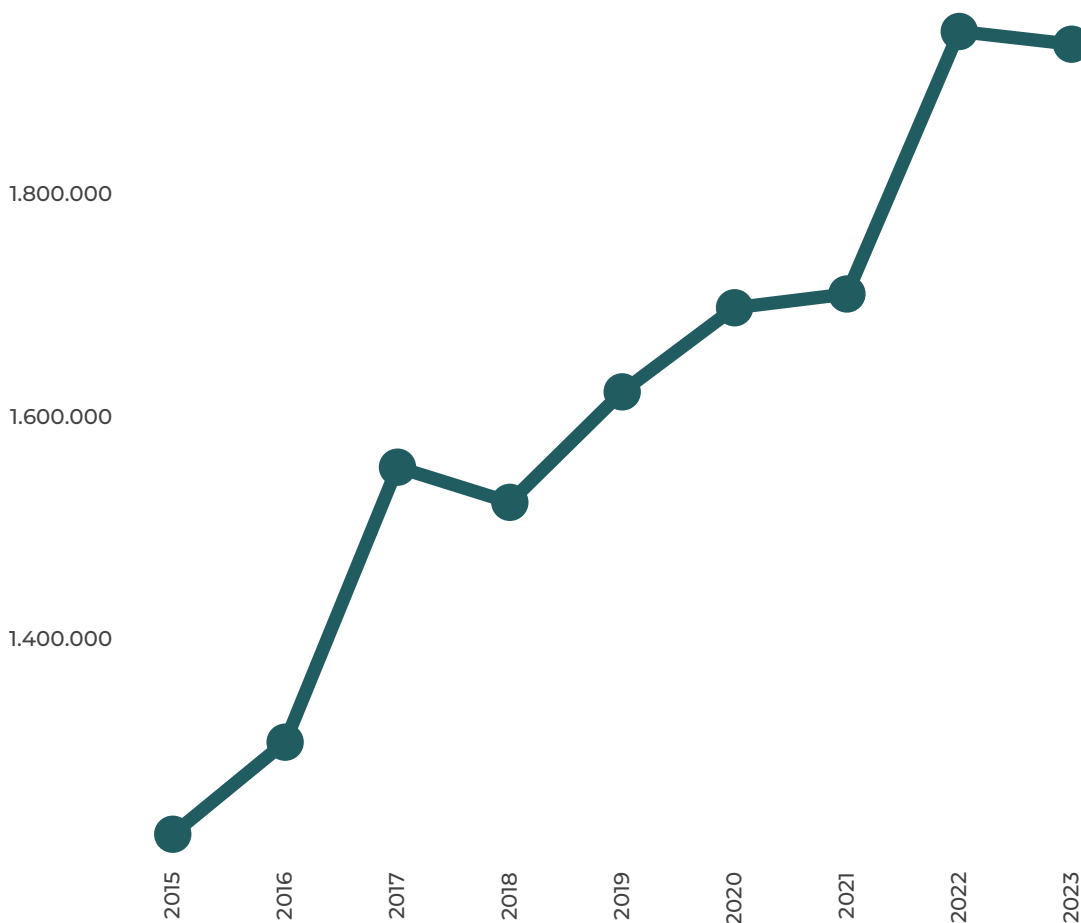


Tendências da Oferta: Frutos de Açaí

Nos últimos anos, a cadeia produtiva do açaí na Amazônia Legal vem se destacando pela sua crescente importância econômica, social e ambiental. O fruto, que é tradicionalmente extraído por comunidades locais, passou a ser cultivado e/ou manejado com técnicas mais modernas e intensivas, impulsionado pela necessidade de atender exigências sanitárias do mercado local e à demanda do mercado nacional e internacional, como selos de inspeção federal.

A produção total de açaí (fruto) do Brasil é bastante expressiva, e tem crescido à uma taxa acelerada (gráfico 1, abaixo). Em 2023, essa produção alcançou quase 2 milhões de toneladas (frutos).

Gráfico 1. **Evolução da Produção Total (PAM+PEVS) em toneladas**



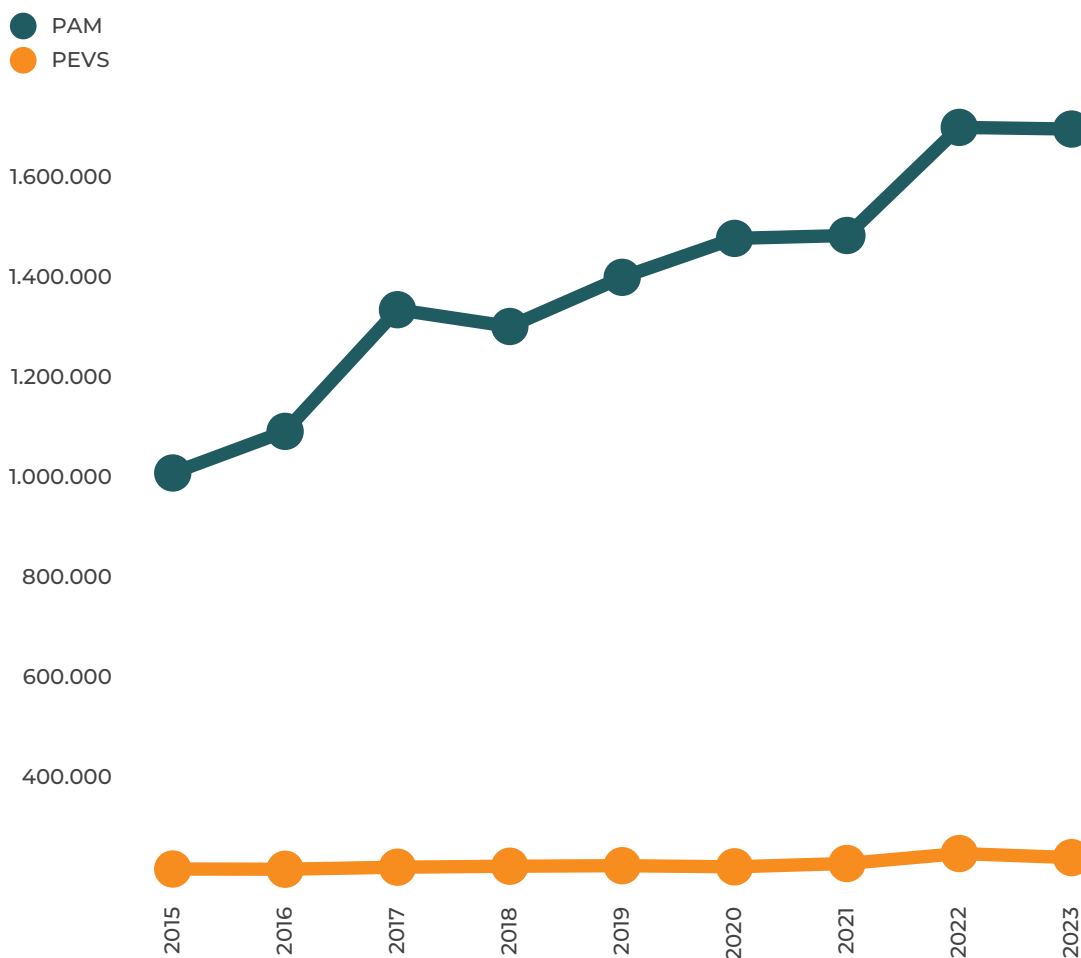


Uma análise que desagrega esses dados em seus diferentes componentes e dimensões revela detalhes importantes sobre a concentração da produção de açaí (fruto) no Brasil.

Primeiro, a maior parte da produção de frutos é do tipo medido pela PAM (e não pela PEVS). Como mostra o gráfico abaixo, em 2023, a produção plantada ou manejada capturada pela PAM em todo o Brasil foi de 1.696.485 toneladas, um valor 7x maior do que a produção extrativa, medida pela PEVS, que foi de 238.891 toneladas.

Segundo, o tipo de produção medido pela PAM não só é muito maior do que a produção do tipo medido pela PEVS, como o crescimento da PAM tem sido bem mais pronunciado. Entre 2015 e 2023, a produção total de açaí medido pela PAM cresceu 68% (de 1 milhão de toneladas para 1,69 milhões), enquanto a produção total de açaí medido pela PEVS cresceu apenas 11% (de 216 mil toneladas para 239 mil toneladas) nesse período.

Gráfico 2. **Evolução da Produção do Fruto por Modalidade Presumida**

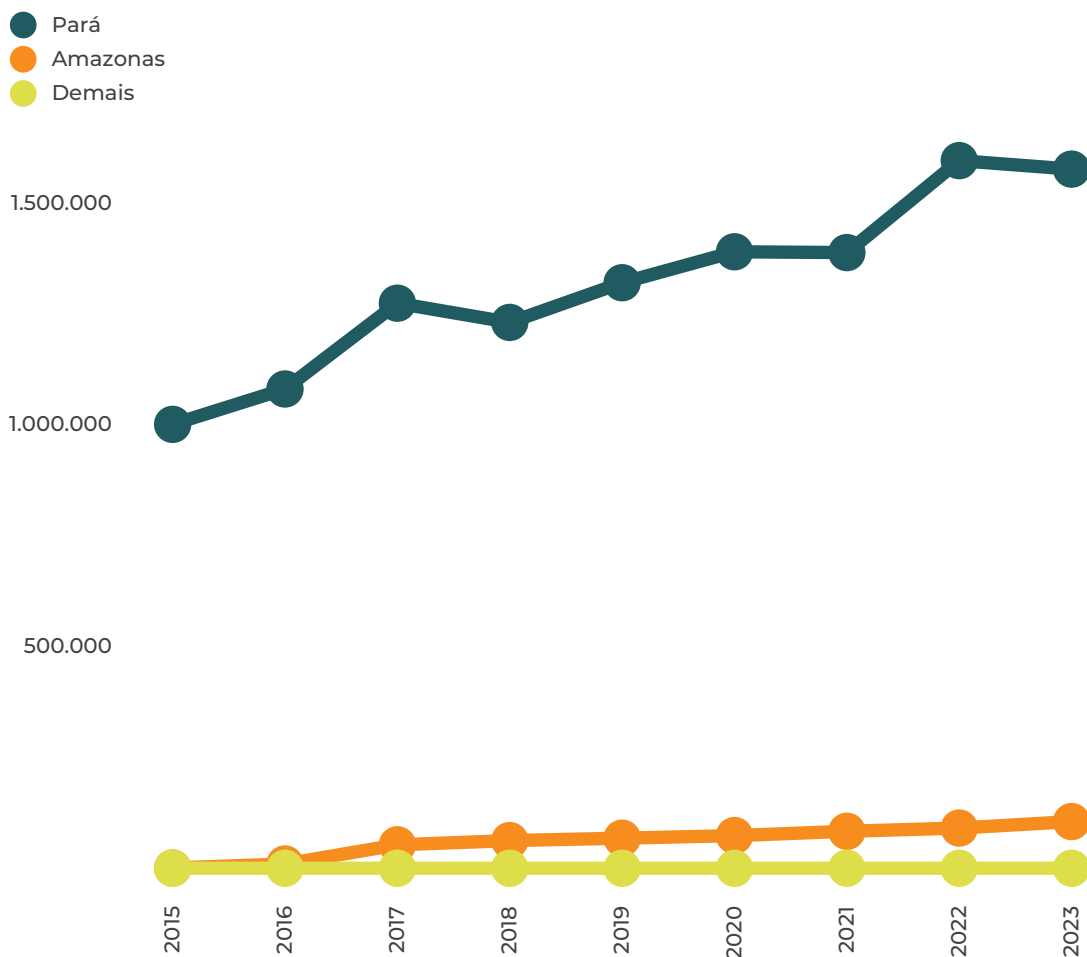




Terceiro, o Pará é destaque absoluto em ambas as categorias (PAM e PEVS), tanto em volume como em crescimento. Como mostram os dados da PAM (gráfico 3), em 2023 a produção do Pará foi 15x maior (em peso) do que a produção do Amazonas, que ocupa o segundo lugar. Curiosamente, o IBGE não reporta dados para o Amapá, possivelmente porque são poucos respondentes, e a divulgação dos dados, mesmo agregados por estado, poderia comprometer sua confidencialidade.

Além de produzir volumes expressivos, a produção do Pará registrada na PAM também cresce a uma taxa acelerada. Entre 2015 e 2023, e apesar do seu tamanho já expressivo no início do período, a produção do Pará cresceu 57%, indo de 1 milhão de toneladas para 1,57 milhões. A produção no Amazonas também cresceu. No início desse período, ela era de apenas 500 toneladas, chegando a 105 mil em 2023, equivalente a um crescimento de mais de 200 vezes.

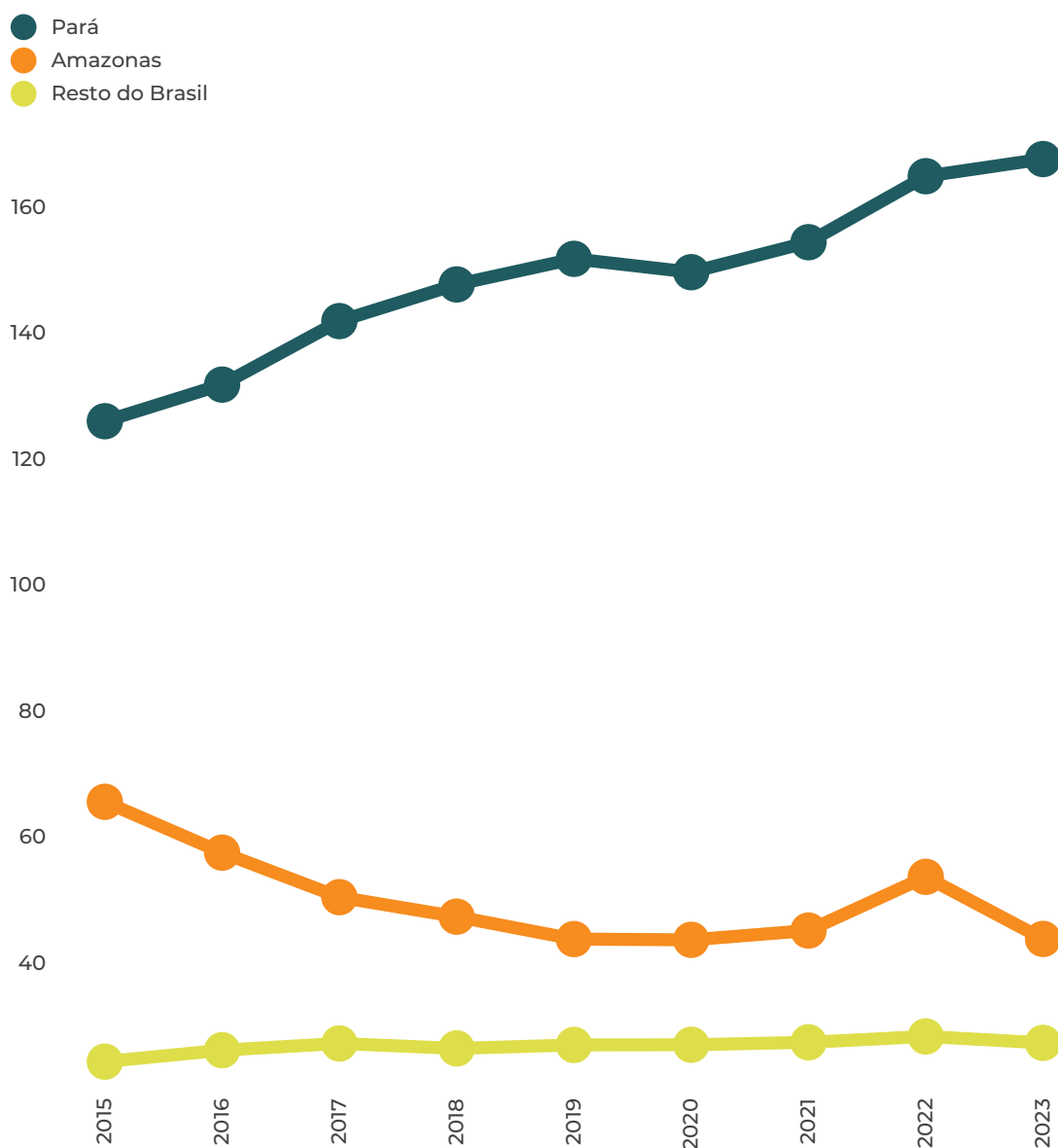
Gráfico 3. **Produção de Açaí Fruto por Estado - PAM**





Mesmo que os números da PEVS sejam mais modestos, eles também revelam a dominância do Pará (gráfico 4 abaixo). Em 2023, a produção paraense registrada na PEVS foi quase 4 vezes maior (em peso) do que a produção do Amazonas, que ocupa o segundo lugar na mesma pesquisa. No período 2015-2023, essa diferença se acentuou. Enquanto a produção paraense cresceu 33% (de 126 mil para 167 mil toneladas), a produção do Amazonas recuou 32% (de 65 mil para 44 mil toneladas). A produção dos demais estados permaneceu relativamente estável, consolidando ainda mais a liderança do Pará no segmento que corresponde à PEVS.

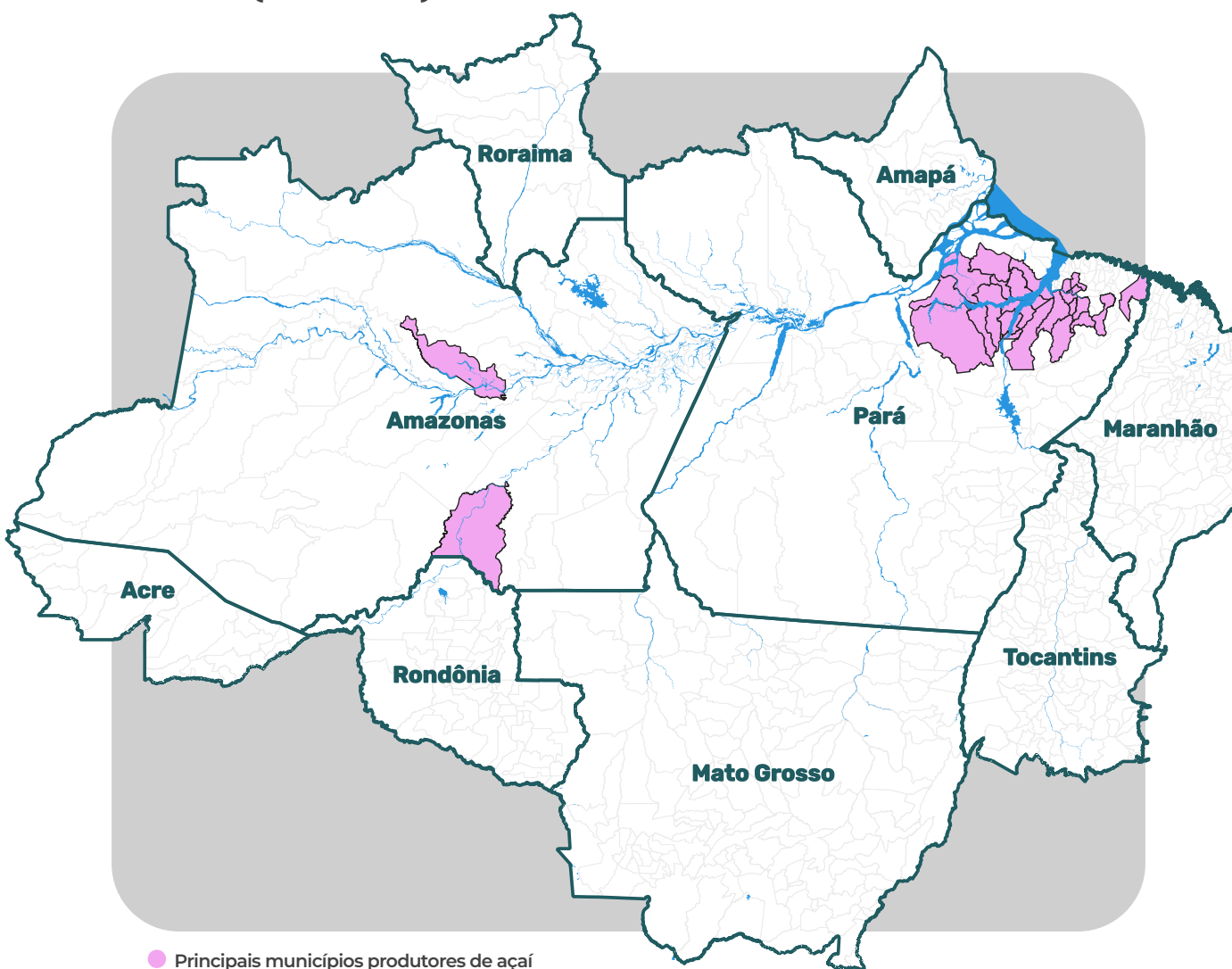
Gráfico 4. **Produção de Açaí Fruto por Estado - PEVS**





Quarto, uma análise ainda mais desagregada revela uma enorme concentração da produção em poucos municípios paraenses, com destaque para a região no entorno da Ilha de Marajó e o nordeste do Pará .

Mapa 1. **Os 30 municípios com maior produção de açaí (fruto) em 2023 (PAM + PEVS)**



Em especial, segundo os levantamentos do IBGE (PAM+PEVS), em 2023 o município de Igarapé-Miri, no Pará, respondeu por quase 25% da produção nacional. Somados, os municípios de Cametá, Abaetetuba e Anajás, todos no Pará, responderam por outros 22%. Olhando para todo o Brasil, 68 municípios produziram pelo menos 1000 toneladas de frutos de açaí. Dentre eles, 57 estão no Pará, e 8 estão no Amazonas. Os outros três estão em Roraima, Bahia e Tocantins (curiosamente, não consta produção no Amapá).

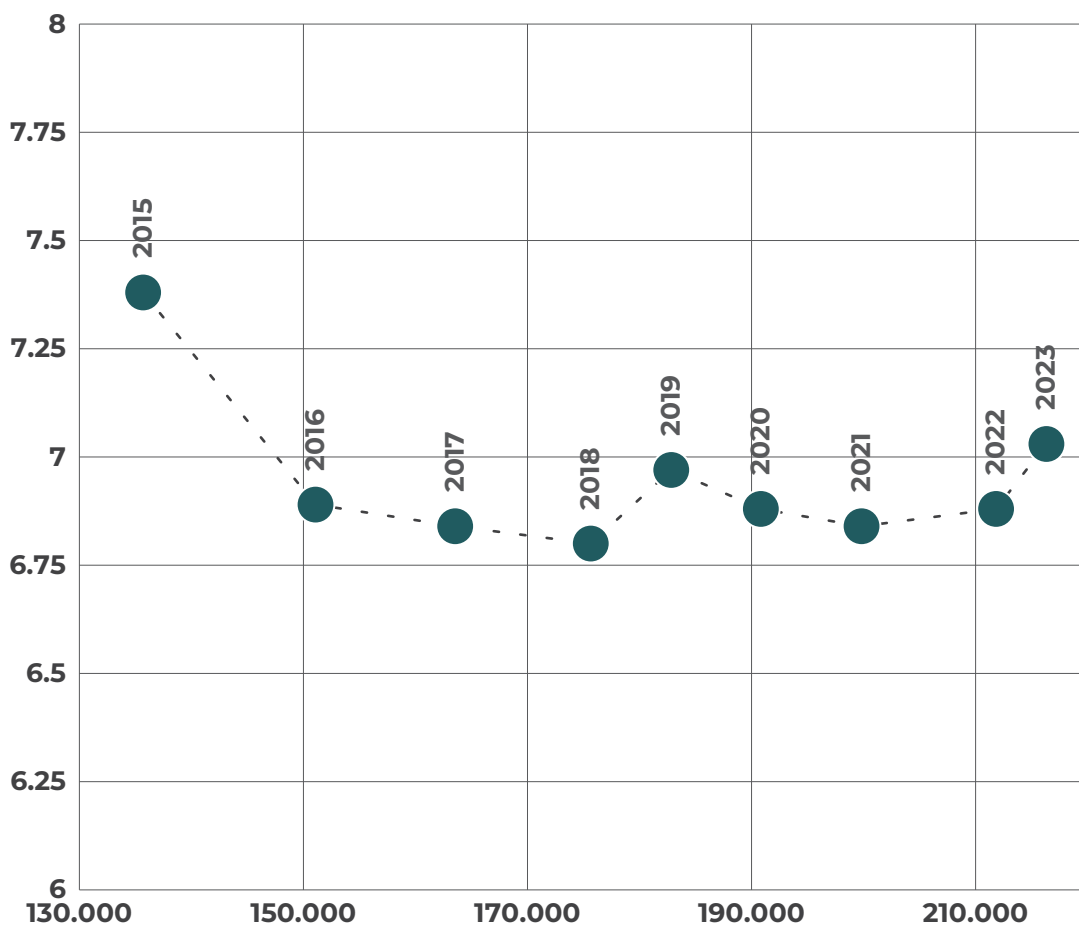


Margens de Expansão

De forma geral, o crescimento do volume produzido em um território pode ocorrer pela margem extensiva (expansão de área colhida, em hectares), pela margem intensiva (maior produtividade da terra, em kg por hectare), ou por uma combinação dos dois. Essa análise só pode ser feita usando dados da PAM, pois a PEVS não contabiliza a área colhida.

Entre 2015 e 2023, segundo a PAM e como mostra o gráfico abaixo, o crescimento da produção de açaí (fruto) no Pará ocorreu principalmente pela margem extensiva, com aumento da área colhida de 135 mil para 216 mil hectares, representando um incremento de 59%. Enquanto isso, a produtividade da terra (ton/ha) caiu entre 2015 e 2018, e permaneceu relativamente estável nos anos seguintes, variando entre 6,75 e 7,00 toneladas / ha (Gráfico 7).

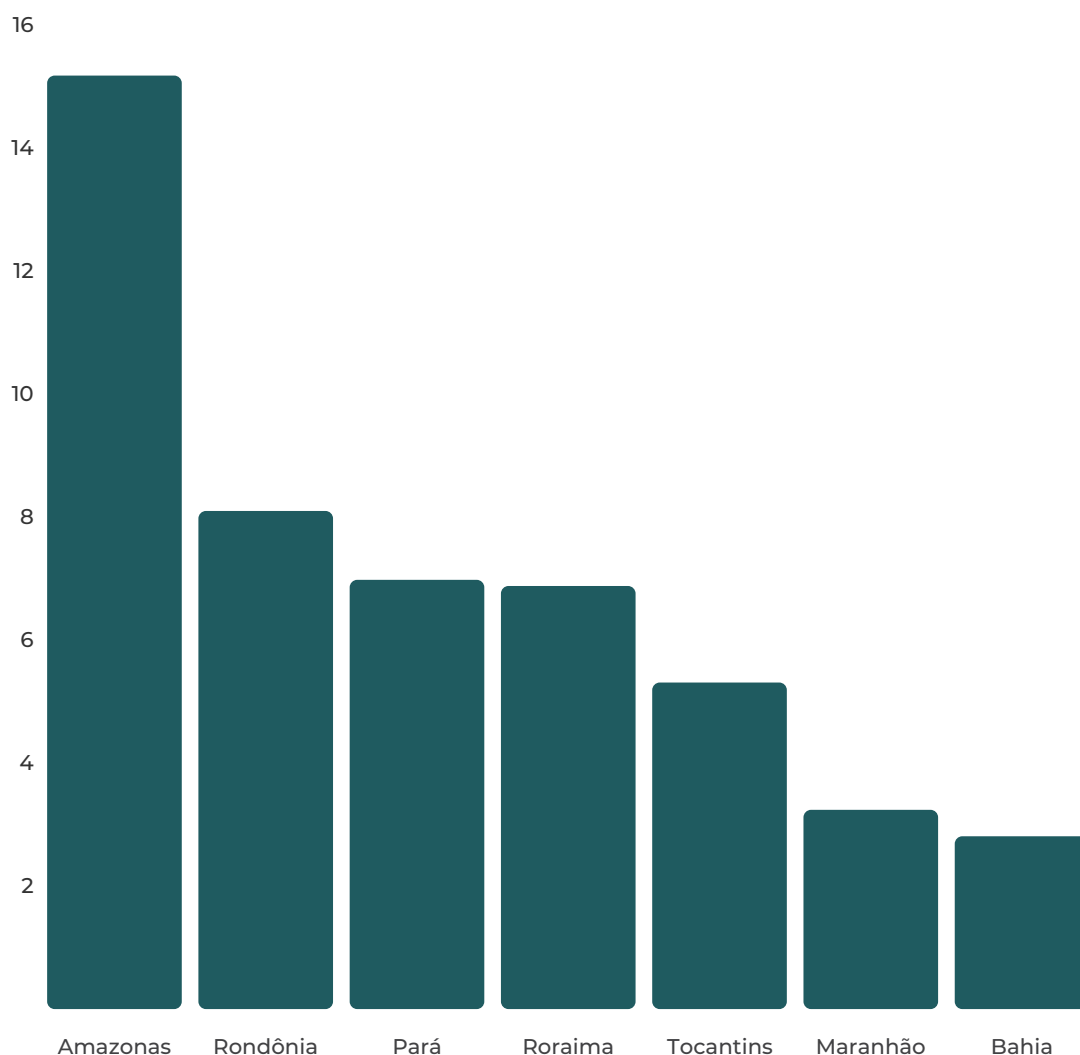
Gráfico 5. **Evolução da Produção do Açaí (Fruto) no Pará**
(2015 a 2023, Média Móvel de 3 anos, PAM).





Em termos comparativos, em 2023, e como mostra o gráfico abaixo, o Pará tinha uma das produtividades mais elevadas entre todos os estados produtores. Esse destaque do Pará é especialmente relevante quando lembramos que, em 2023, o estado produziu volume (tons) quase 12 vezes maior do que o Amazonas, 450x maior que Rondônia, e 1350x maior que o Tocantins.

Gráfico 6. **Produtividade da Terra (Ton / Ha), PAM 2023**



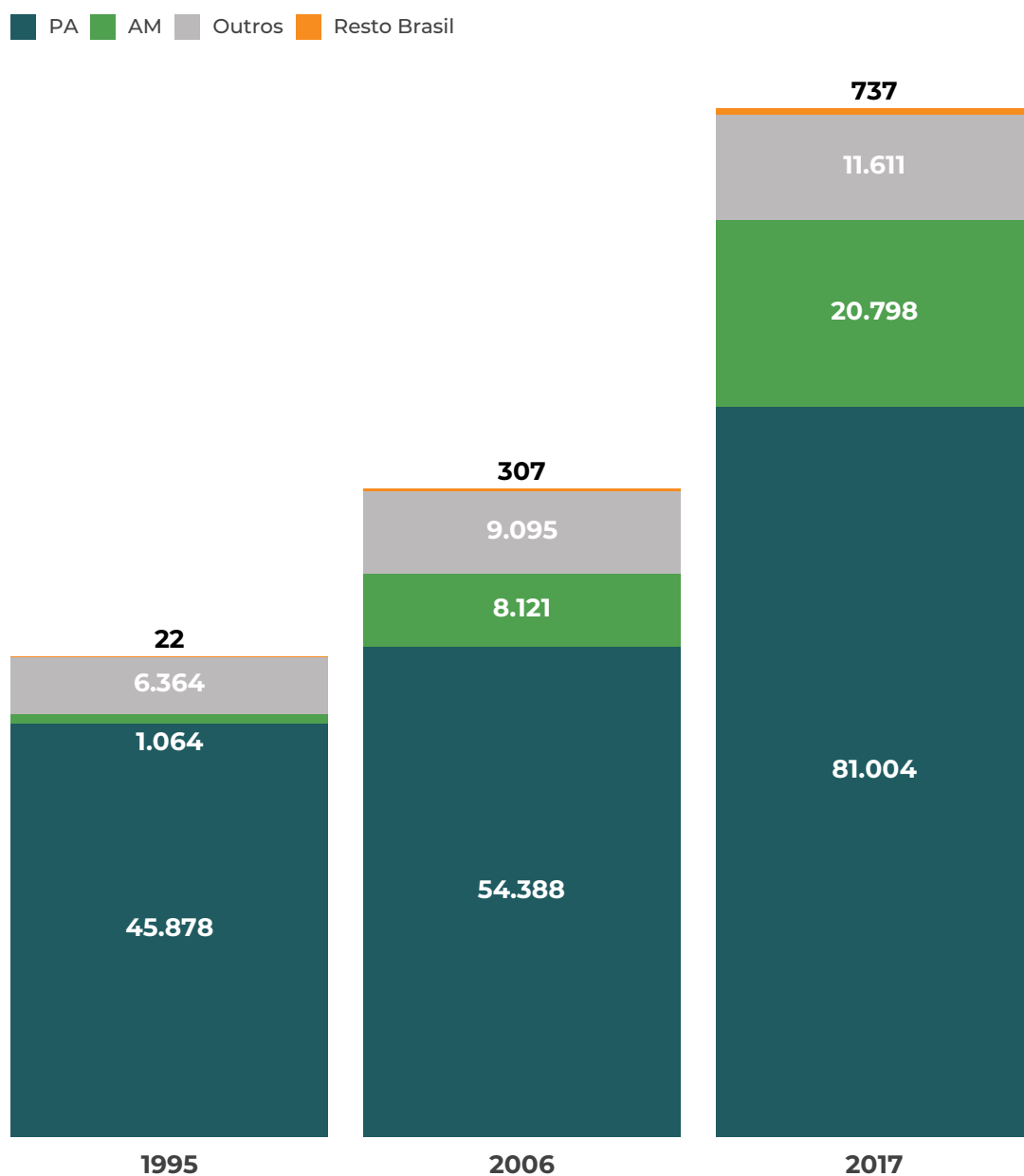
A produtividade do Pará ainda está abaixo dos benchmarks disponíveis na literatura, que indicam áreas manejadas atingindo até 9 toneladas por hectare e plantações superando 10 toneladas por hectare. Nesse contexto, a expansão pela margem extensiva ilustra a preocupação com a “açaização”, como é chamado o rápido crescimento das áreas destinadas ao açaí e que pode ter componente predatório.



Perfil dos Empreendimentos

Os dados do Censo Agropecuário, uma pesquisa realizada pelo IBGE aproximadamente a cada 10 anos, registram um crescimento notável no número de estabelecimentos rurais que produzem o fruto de açaí. O gráfico abaixo mostra como esse número mais do que dobrou entre 1995 e 2017, com expansão principalmente no Pará e no Amazonas.

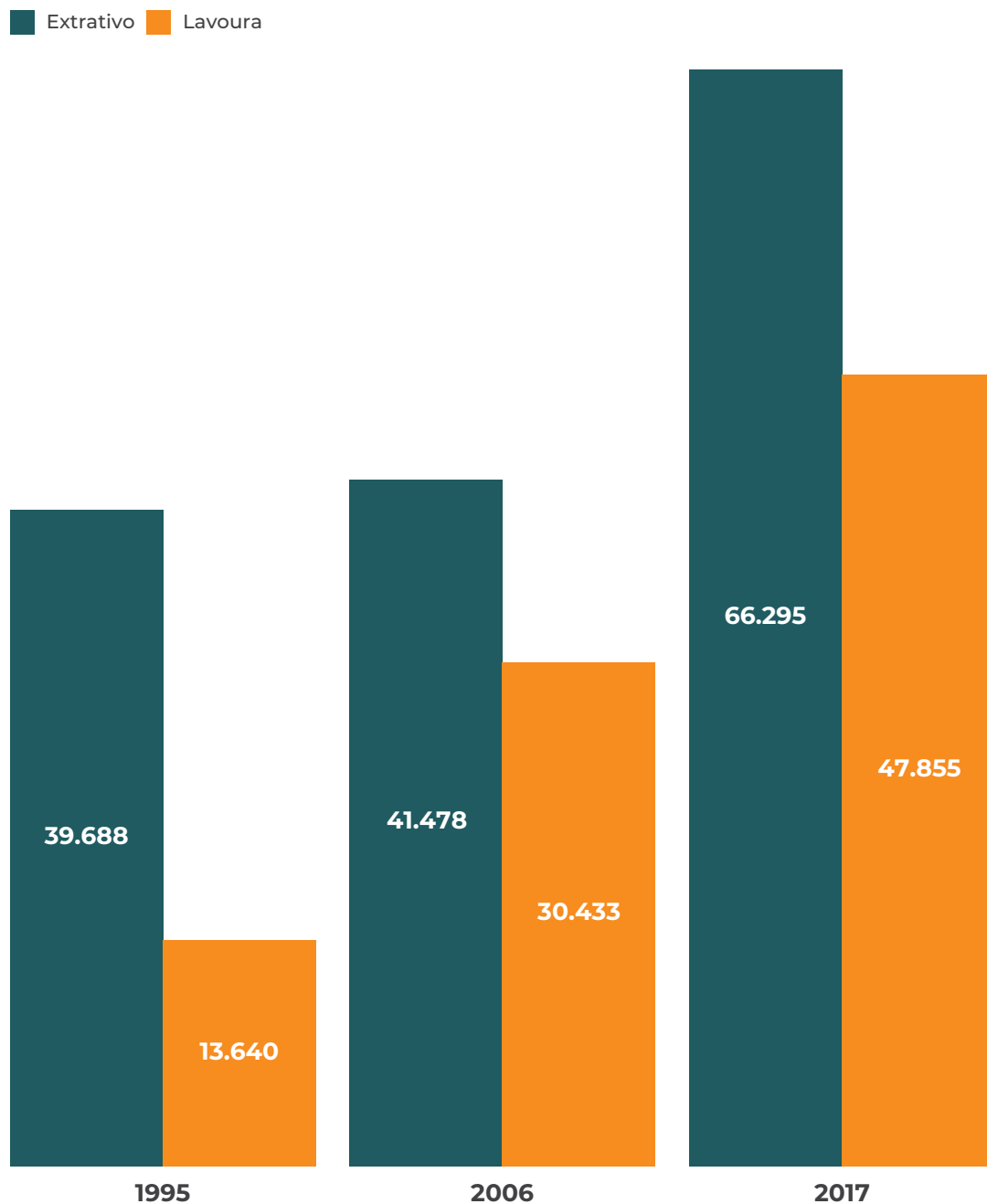
Gráfico 7. **Número de Estabelecimentos por Local - Açaí - Brasil**





Os dados do Censo mostram também que houve crescimento na produção extrativa, e crescimento ainda mais acentuado na produção em lavouras permanentes. Em 1995, o Brasil tinha cerca de 3 estabelecimentos dedicados à extração para cada lavoura permanente. Em 2006, essa razão caiu para 1.4, e permanece assim.

Gráfico 8. **Número de Estabelecimentos por Modelo de Produção - Açaí - Brasil**

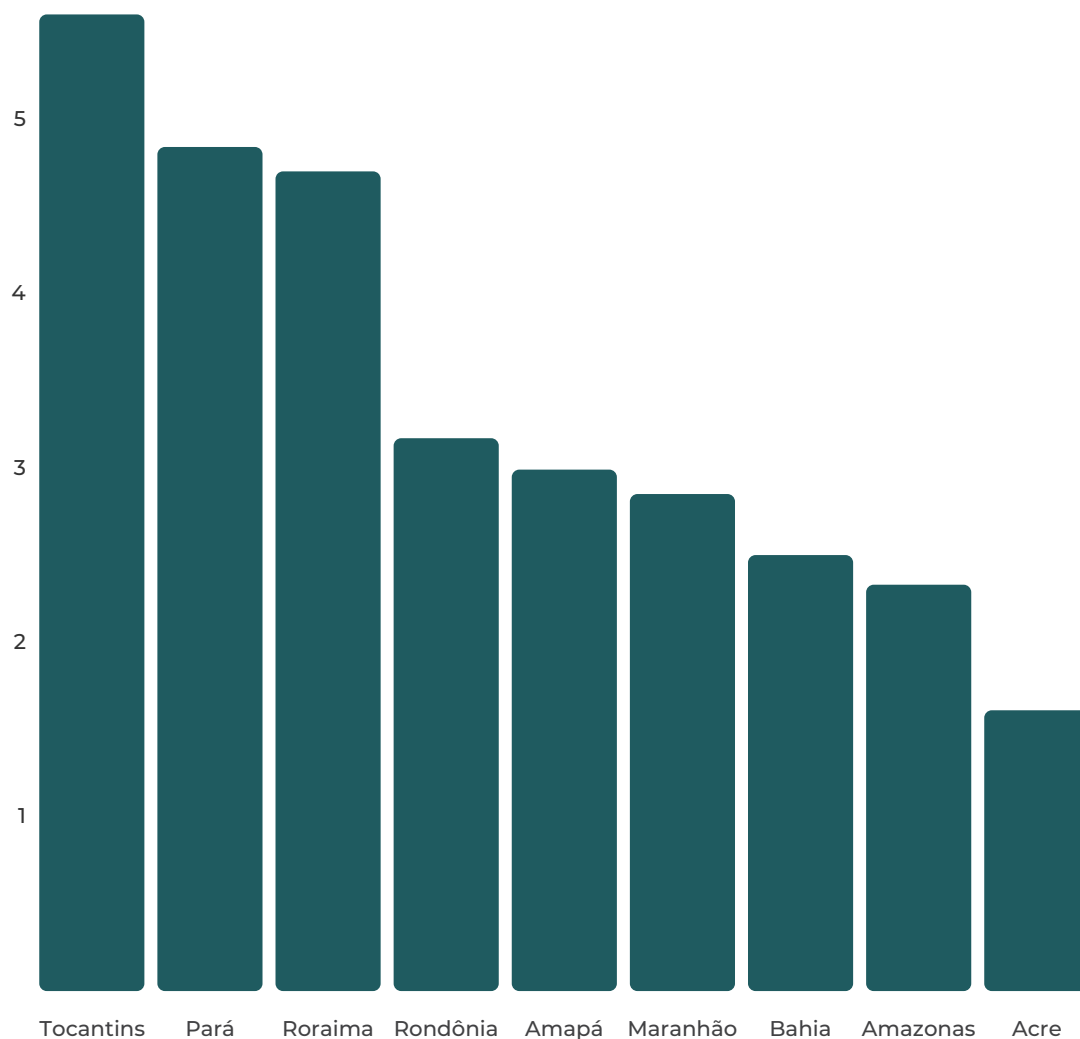




Evolução dos Preços

O crescimento acelerado da produção no Pará não tem sido grande o suficiente para derubar os preços. Como mostra o gráfico abaixo, o preço médio do açaí em fruto, no Pará, em 2023 (PAM + PEVS) está entre os mais altos de todos os estados produtores.

Gráfico 9. **Preço Médio (R\$/Kg) do Açaí em Fruto, 2023 (PAM + PEVS)**



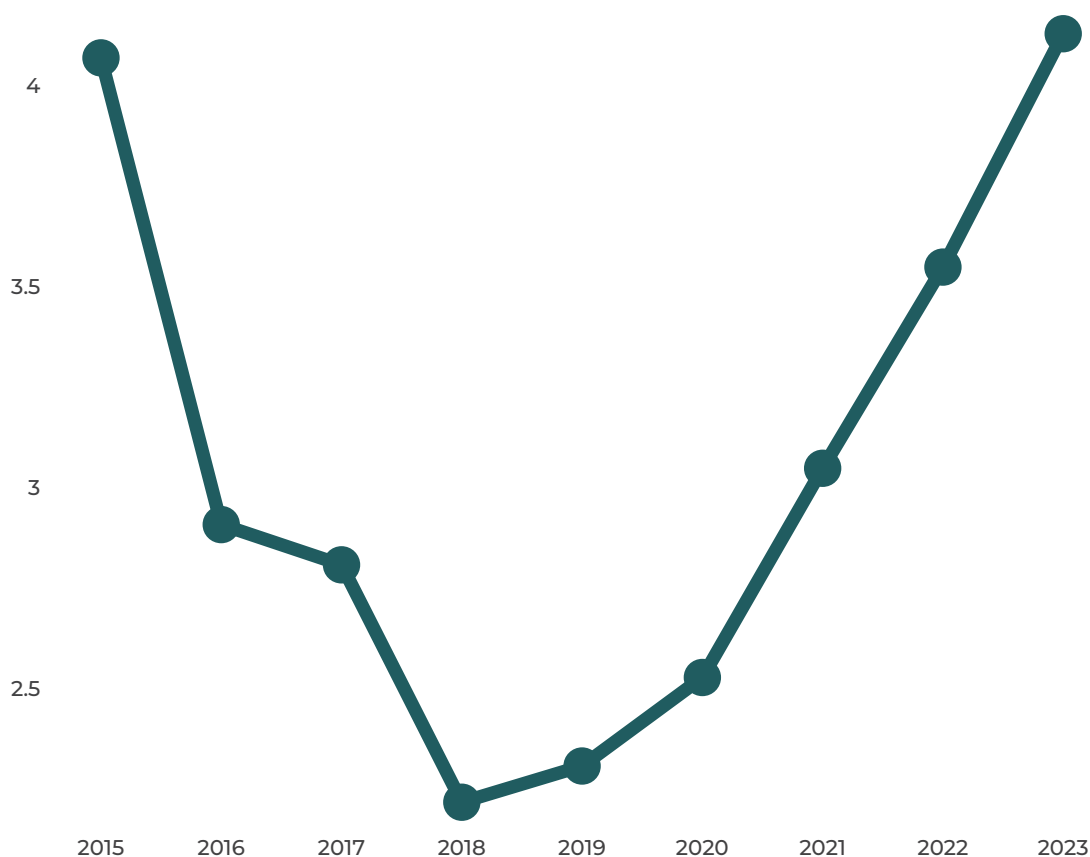
O preço relativamente elevado pago ao produtor no Pará, apesar do alto volume de produção, é compreensível quando reconhecemos que o açaí em fruto é altamente perecível e não pode ser transportado por longas distâncias sem perder sua qualidade. Por isso, seus mercados permanecem essencialmente locais e regionais, com competição intensa dos processadores pela matéria-prima disponível.



A disposição dos beneficiadores do Pará em pagar preços relativamente altos pode significar que: (1) a capacidade de processamento das indústrias tem se expandido mais rapidamente que a produção agrícola; (2) existe demanda reprimida dos mercados consumidores finais que pressiona toda a cadeia; ou (3) a sazonalidade da produção cria gargalos temporários que elevam preços em determinados períodos. Em qualquer dos casos, isso indica que existe espaço para expansão da produção primária sem pressão negativa expressiva sobre os preços pagos ao produtor do fruto.

Além de analisar os preços em 2023, analisamos a evolução dos preços do fruto ao longo dos anos, e notamos que ele seguiu uma trajetória peculiar (gráfico 8, abaixo).

Gráfico 10. **Evolução do Preço Unitário pago ao produtor (R\$/kg) para Açaí (Fruto) no Pará (Média Móvel 3 anos, PAM)**



O preço unitário do açaí plantado ou manejado começou a série em 2015 com valor relativamente elevado (R\$4/kg), atingiu seu ponto mais baixo, equivalente a metade do valor inicial, em 2018, e voltou a crescer no período seguinte, retornando ao valor inicial em 2023.

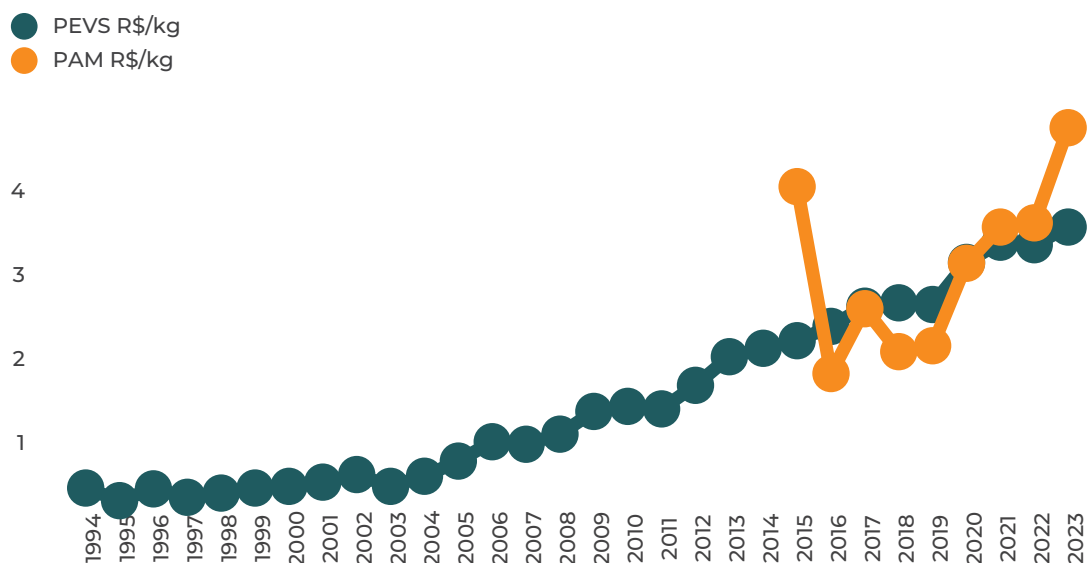


Não temos bons dados para interpretar essa trajetória de forma confiável, mas ela pode indicar um processo de amadurecimento do setor. É possível que tenha havido um boom de produção de açaí entre 2015 e 2018, com aumento expressivo da oferta de açaí plantado e/ou manejado, causando queda no preço pago ao produtor. Outra hipótese complementar ao choque de oferta é que as baixas taxas de crescimento econômico que acometeram o Brasil entre 2014 e 2020 diminuíram a demanda por açaí. De qualquer modo, a retomada subsequente pode estar indicando um certo amadurecimento, com consolidação e aumento da demanda externa.

Os dados da PEVS revelam um cenário um pouco distinto. Essa pesquisa registra uma produção menor de açaí, mas oferece uma série histórica mais longa para análise de preços (gráfico 9, abaixo, valores nominais, sem ajuste para inflação). Segundo a PEVS, os preços pagos ao produtor ficaram estáveis entre 1994 e 2006, e tiveram crescimento relativamente acelerado de 2006 até 2023. Os dados PEVS não registram o mesmo padrão em U observado na PAM.

Gráfico 11. **Preço Unitário Pago ao Produtor (R\$/Kg)**

Média Móvel de 3 anos, PEVS e PAM



Em resumo, a concentração territorial da produção primária representa simultaneamente a maior força e uma potencial vulnerabilidade da cadeia paraense. Por um lado, cria condições ideais para formar um cluster integrado, com infraestrutura especializada, conhecimento acumulado e economias de escala que seriam difíceis de replicar em outros locais. Por outro, expõe a produção a choques climáticos, problemas regulatórios, gargalos logísticos e pressão política que podem dificultar os avanços do setor. O futuro não está determinado, e a Mesa Executiva pode ajudar a canalizar os esforços em uma direção mais produtiva.



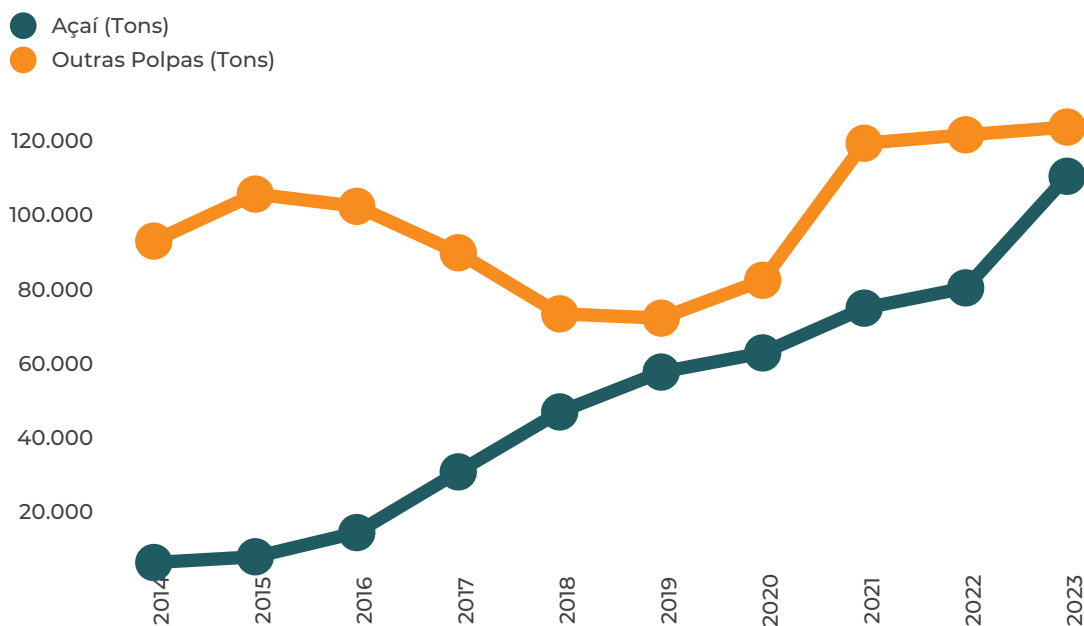
Beneficiamento do Fruto: Oferta e Preços das Polpas, Sucos, Sorbets

Os dados oficiais sobre a produção industrial de polpas de açaí revelam um cenário de crescimento acelerado no setor. A Pesquisa Industrial Anual - Produto (PIA-P), do IBGE registra dados de dois produtos: as “Polpas de açaí esterilizadas, congeladas ou não” (código 1031.2255) e também as “Polpas de frutas esterilizadas, congeladas ou não, **exceto polpas de açaí**” (código 1031.2265, ênfase adicionada).

Em ambos casos, a PIA-P estima as quantidades produzidas e comercializadas e os seus respectivos valores, com cobertura de 2014 a 2023 e abrangência nacional (sem desagregação por estado). A metodologia dessa pesquisa sugere que os dados refletem prioritariamente os negócios formais.

O cenário desenhado por esses dados é de expansão acelerada nos volumes comercializados de polpa de açaí (em tons), com comercialização de polpa saindo de 6.500 toneladas em 2014 até alcançar 110 mil em 2023 (média móvel de 3 anos). Esse crescimento, equivalente a 17x (em tons) em 10 anos, contrasta com a relativa estabilidade no volume de outras polpas, que oscilou na faixa de 80 mil a 120 mil toneladas por ano no mesmo período.

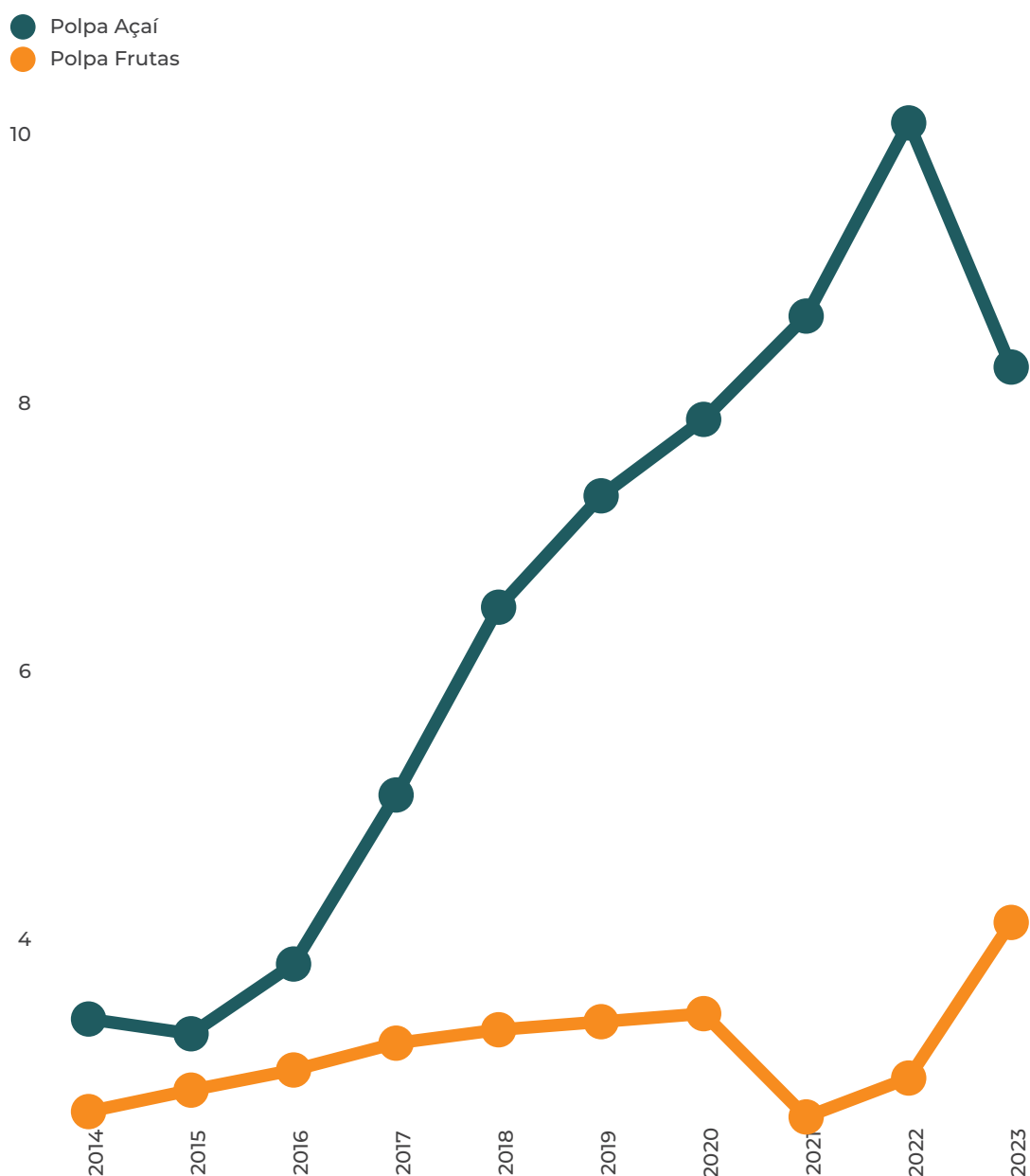
Gráfico 12. **Evolução da Quantidade de Polpas Industrializadas de Açaí e Polpas de Outras Frutas Vendidas (Média móvel, toneladas Brasil)**





Surpreendentemente, um mesmo padrão de crescimento pode ser observado nos preços unitários ao produtor (R\$/kg de polpa). Os dados disponíveis sugerem uma valorização cada vez maior da polpa de açaí no mercado, com preço unitário crescendo, em valores nominais, de menos de R\$4/kg em 2014, para cerca de R\$8-10/kg em 2024. Essa trajetória da polpa de açaí contrasta de forma bastante acentuada com as “outras polpas”, que mantém preço na faixa de R\$3-4 / kg durante esse período.

Gráfico 13. **Evolução Preço (R\$/kg) de Polpas de Açaí e Polpas de Outras Frutas (Média Móvel de 3 anos, Brasil)**





Consumo Internacional

Em princípio, as estatísticas de comércio internacional são mais precisas e fáceis de medir do que as estatísticas de consumo doméstico, pois toda carga é registrada pelo país de origem e pelo país de destino usando o Sistema Harmonizado (HS) e, dependendo do caso, detalhamentos nacionais.

O HS é uma nomenclatura de classificação onde cada produto recebe um código numérico único. Os 2 primeiros dígitos (HS2) indicam o capítulo, os dois seguintes formam a posição (HS4), e os dois dígitos finais criam a subposição (HS6).

Os países do Mercosul utilizam a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). O NCM adiciona dois dígitos ao código HS6 e assim seu catálogo consegue diferenciar os produtos com mais detalhes do que o Sistema Harmonizado. Tanto os EUA como a União Europeia também têm sistemas de classificação próprios que adicionam dígitos ao HS6 para formar códigos mais longos e detalhados, especialmente para efeito de tributação.

A situação do açaí é anômala pois diferentes lotes são exportados sob diferentes códigos HS6 e NCM, dependendo do grau de processamento, dos ingredientes utilizados, do tipo de embalagem, do entendimento das autoridades dos países (ou estados) envolvidos e outras variáveis. De forma geral, grande parte desses códigos têm natureza residual, isto é, abrigam todos os produtos que não tem código específico (i.e. “outros” produtos).

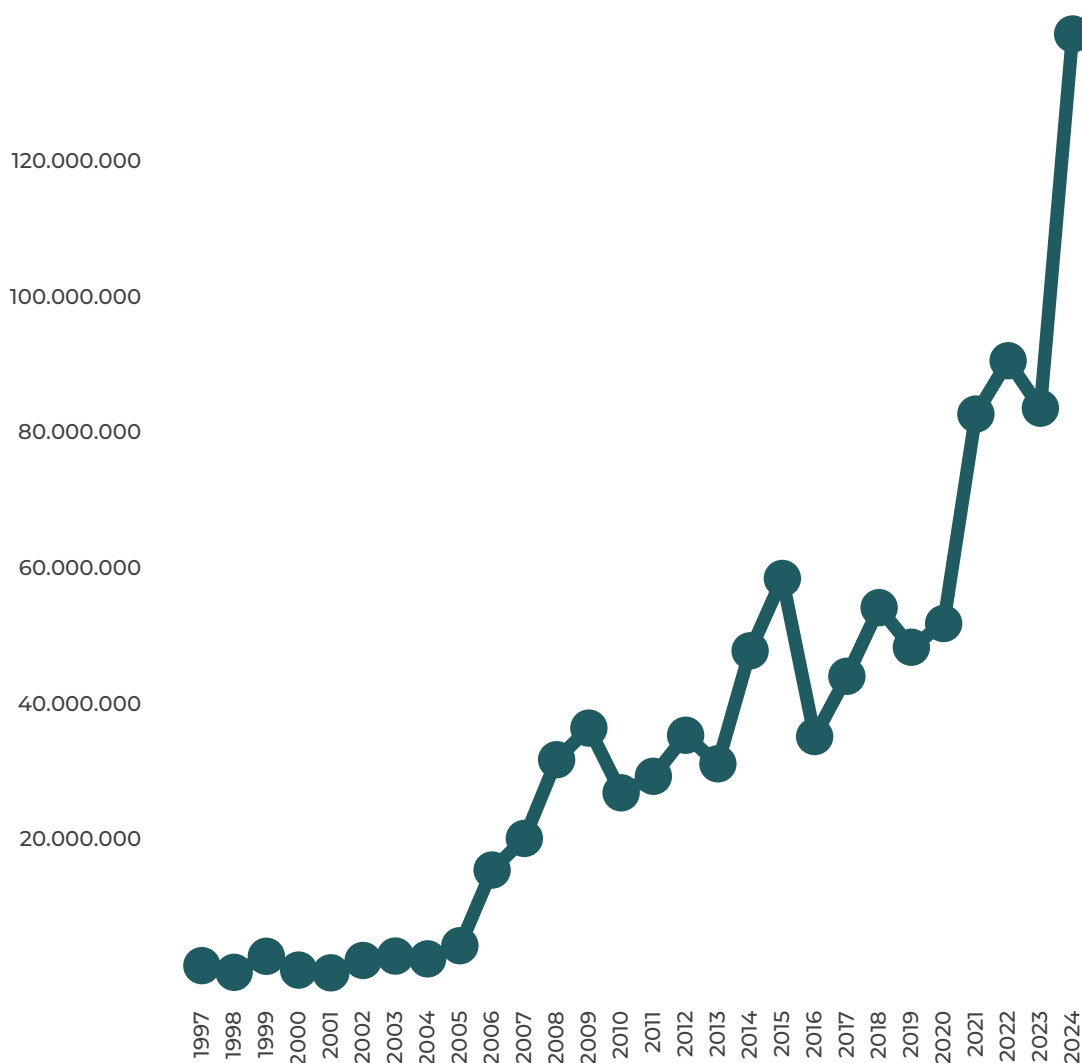
Por todos esses motivos, não é fácil determinar quais códigos devemos analisar para medir os fluxos de açaí. E, independente dos códigos escolhidos, as estimativas terão uma margem de erro. Dentro dessas limitações, decidimos enfatizar os seguintes códigos:

- **0811.90.00;** Outras frutas não cozidas ou cozidas em água ou vapor, congeladas [...]
- **2007.99.21;** Purês de açaí (Euterpe oleracea)
- **2009.89.90;** Sucos (sumo) de outras frutas, não fermentado, sem adição de açúcar
- **2008.97.90;** Misturas de frutas preparadas, conservadas de outro modo
- **2008.99.00;** Outras frutas, partes de plantas, preparadas/conservadas de outro modo
- **2105.00.90;** Outros sorvetes, mesmo que contenham cacau
- **2105.00.10;** Sorvetes, mesmo [...] cacau, em embalagens [...] inferior ou igual a 2 kg
- **2106.90.90;** Outras preparações alimentícias
- **1106.30.00;** Farinhas, sêmolas e pós, dos produtos do Capítulo 8 (frutas, [...], etc)



O gráfico 13 abaixo mostra o valor total exportado usando todos esses códigos e por negócios registrados nos estados da Amazônia. Ele mostra crescimento notável entre 2005 e 2020, e crescimento ainda mais rápido entre 2020 e 2024.

Gráfico 14. **Exportação de Açaí Beneficiado**
Total (USD\$, estados da Amazônia Legal)



É importante interpretar esses dados com cautela devido a limitações metodológicas: algumas exportações de açaí podem estar sendo realizadas por empresas registradas fora da Amazônia Legal, enquanto produtos exportados sob os códigos listados acima podem incluir sorvetes, pós, sucos e polpas de outras frutas tropicais além do açaí.

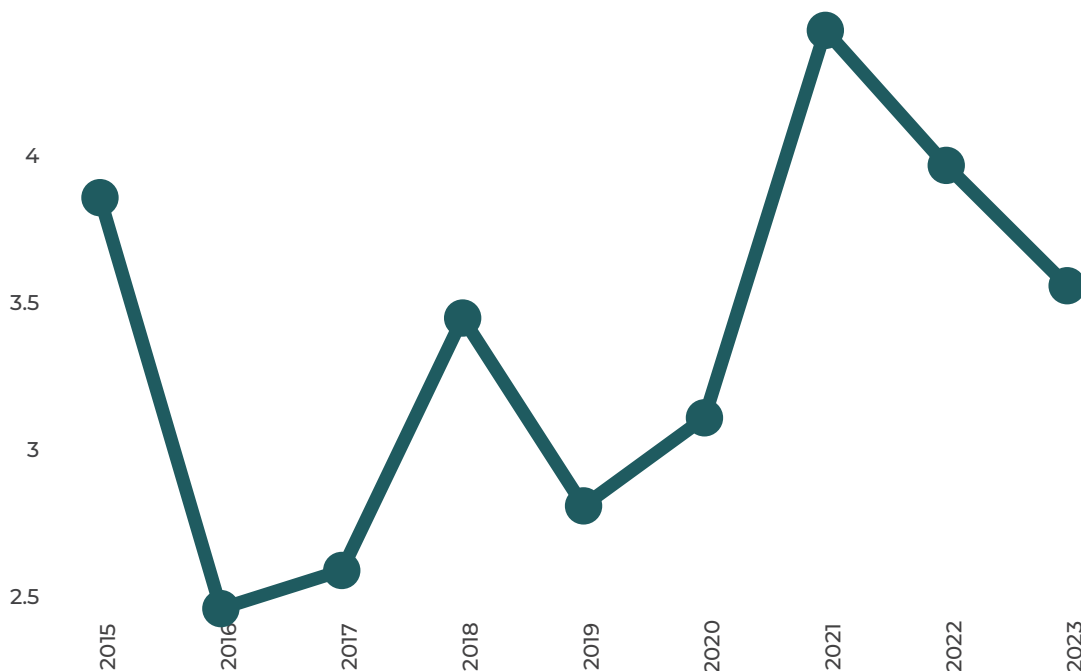


De forma aproximada, podemos estimar também qual a proporção do açaí colhido no Brasil é consumido no próprio Brasil e qual proporção é exportada. Essa não é uma conta precisa, pois cada tipo de açaí beneficiado contém uma quantidade distinta de sólidos. Como média, e após consulta a alguns beneficiadores, decidimos usar uma taxa de conversão de 2,5 quilos de frutos in natura para cada 1 quilo de açaí beneficiado (seja no formato de polpa grossa, polpa fina, sorbet, etc). Desse modo, podemos combinar os dados medidos pelo IBGE indicando produção de frutos com os dados de exportação compilados pela Comexstat, indicando exportação de açaí beneficiado.

O gráfico 14, abaixo, mostra o resultado dessa conta, para o período 2015-2023. Ele sugere que uma pequena fração dos frutos colhidos, variando entre 2,5% a 4,5% do peso total, é exportada.

A proporção de 2,5-4,5% destinada à exportação, embora pareça modesta, não indica necessariamente que o mercado está sub-aproveitado. É possível que outros produtos perecíveis de alto consumo local apresentem taxas similares. O relevante é que esse mercado está em expansão acelerada e oferece preços significativamente superiores, justificando investimentos em qualidade e conformidade.

Gráfico 15. **Estimativa do Volume Total de Frutos Colhidos e Beneficiados no Brasil e Posteriormente Exportados**

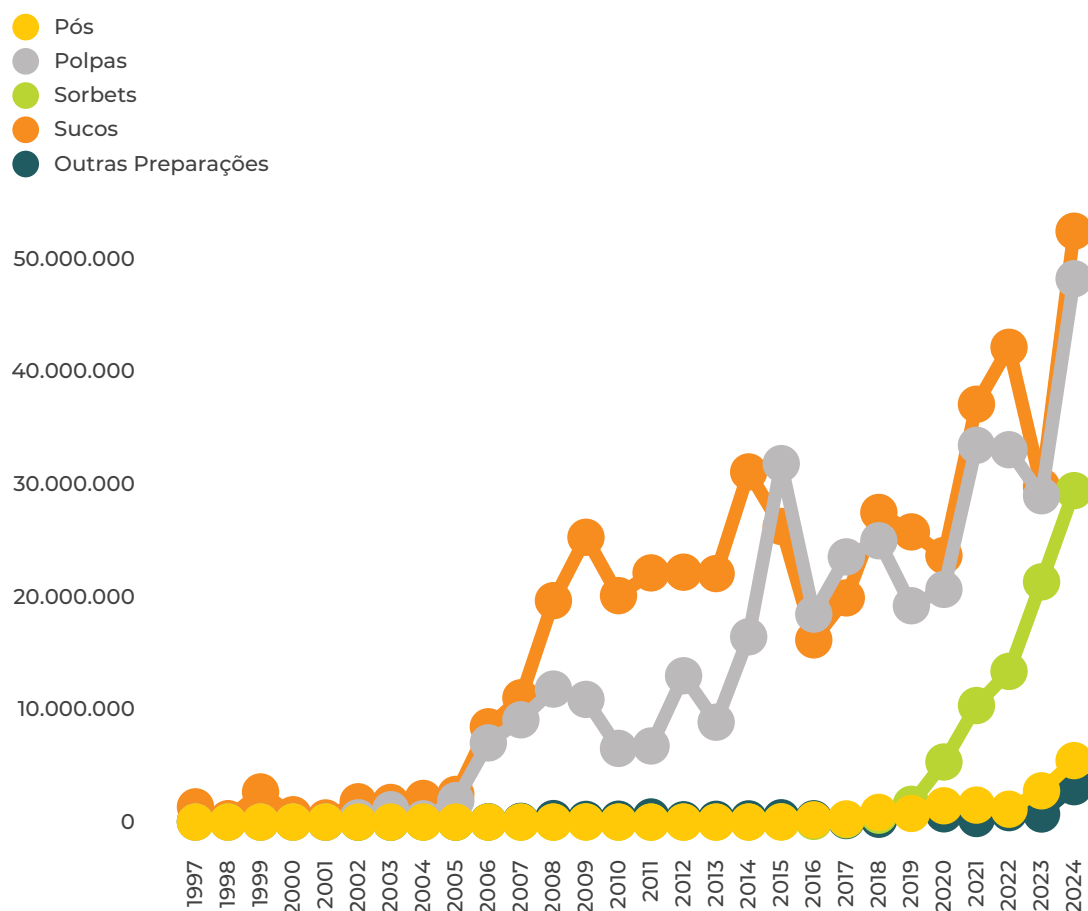




Apesar de relativamente pequena, a exportação é relevante por três motivos. Primeiro, sua tendência é de crescimento, com destaque para produtos de maior valor unitário e maior grau de processamento. Segundo, o preço médio obtido na exportação já é mais elevado do que o preço obtido no mercado doméstico. Segundo o Comexstat, o preço médio (FOB) dos vários produtos de açaí é de US\$3,75 por quilo, equivalente a cerca de R\$20/kg, enquanto no Brasil, segundo a PIA-P, a polpa congelada é vendida por R\$10/kg. Por fim, o mercado externo costuma ser muito mais exigente em relação à qualidade, confiabilidade e outros atributos, e esse tipo de exigência força os exportadores a desenvolver e adotar tecnologias mais avançadas, e que aumentam o valor da produção.

Dentre as categorias identificadas, os sucos e as polpas (que podem representar o mesmo produto), e como indicado no gráfico abaixo, são os produtos com mercado mais antigo, maior volume, e crescimento ainda bastante acelerado.

Gráfico 16. **Exportação de Polpas, Sorvetes e Pós, dos estados da Amazônia Legal (USD)**

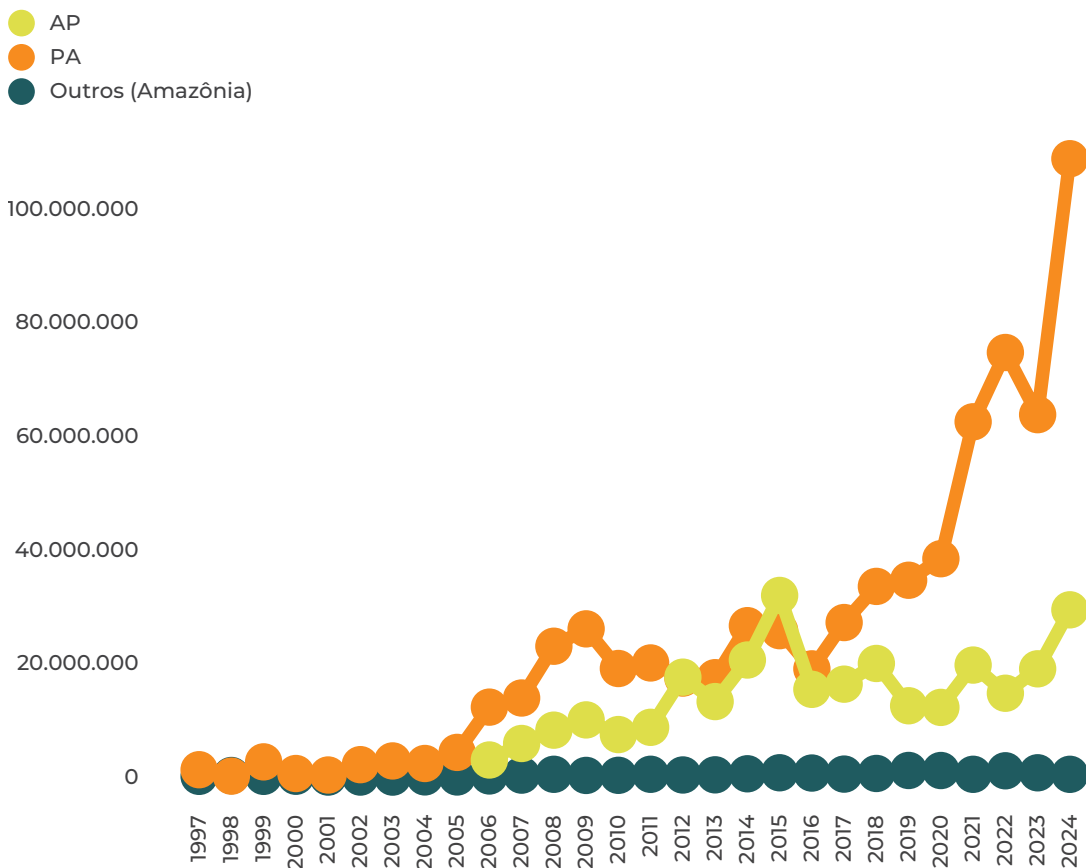




Em especial, as exportações de sucos de outras frutas (presumido açaí) dos estados da Amazônia Legal atingiram US\$52 milhões em 2024, representando 38% do total (em valor) de açaí exportado naquele ano. As polpas têm números semelhantes, US\$48 milhões, e 35% de participação. Por sua vez, as exportações de sorvete começaram a crescer à partir de 2019 e alcançaram cerca de US\$30 milhões em 2024, e já alcançaram 21% do total. Por fim, as exportações de pós são mais recentes, começando a crescer de forma mais notável à partir de 2018. Em 2024, elas passaram dos US\$5 milhões. As “outras preparações” também começaram a crescer mais recentemente. Esses dados sugerem que o setor está desenvolvendo novos produtos, e encontrando bons mercados para eles.

Além do valor total exportado, podemos desagregar os dados por estado de origem do produto e por país de destino. Em linhas gerais, Pará e Amapá são os principais exportadores de açaí. Em 2024, o Amapá exportou cerca de US\$29 milhões, enquanto o Pará exportou US\$109 milhões. Os demais estados da Amazônia, juntos, exportaram menos de US\$500 mil.

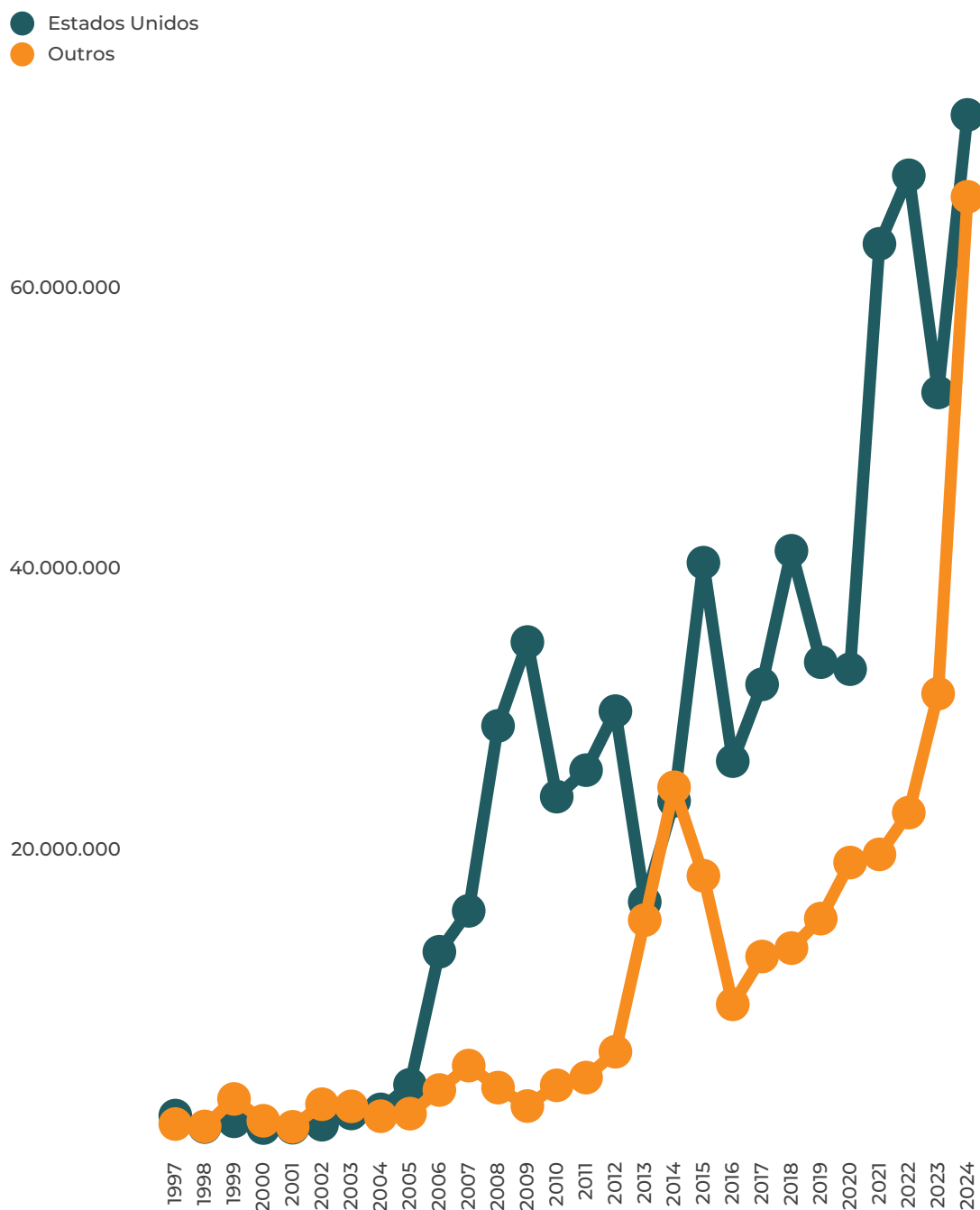
Gráfico 17. **Exportação de Açaí (todos produtos) por UF do Exportador (USD)**





Os Estados Unidos ainda são o maior importador, e seu mercado apresenta tendência de crescimento, mas sua importância relativa tem diminuído, uma vez que outros países estão ampliando bastante suas importações de açaí.

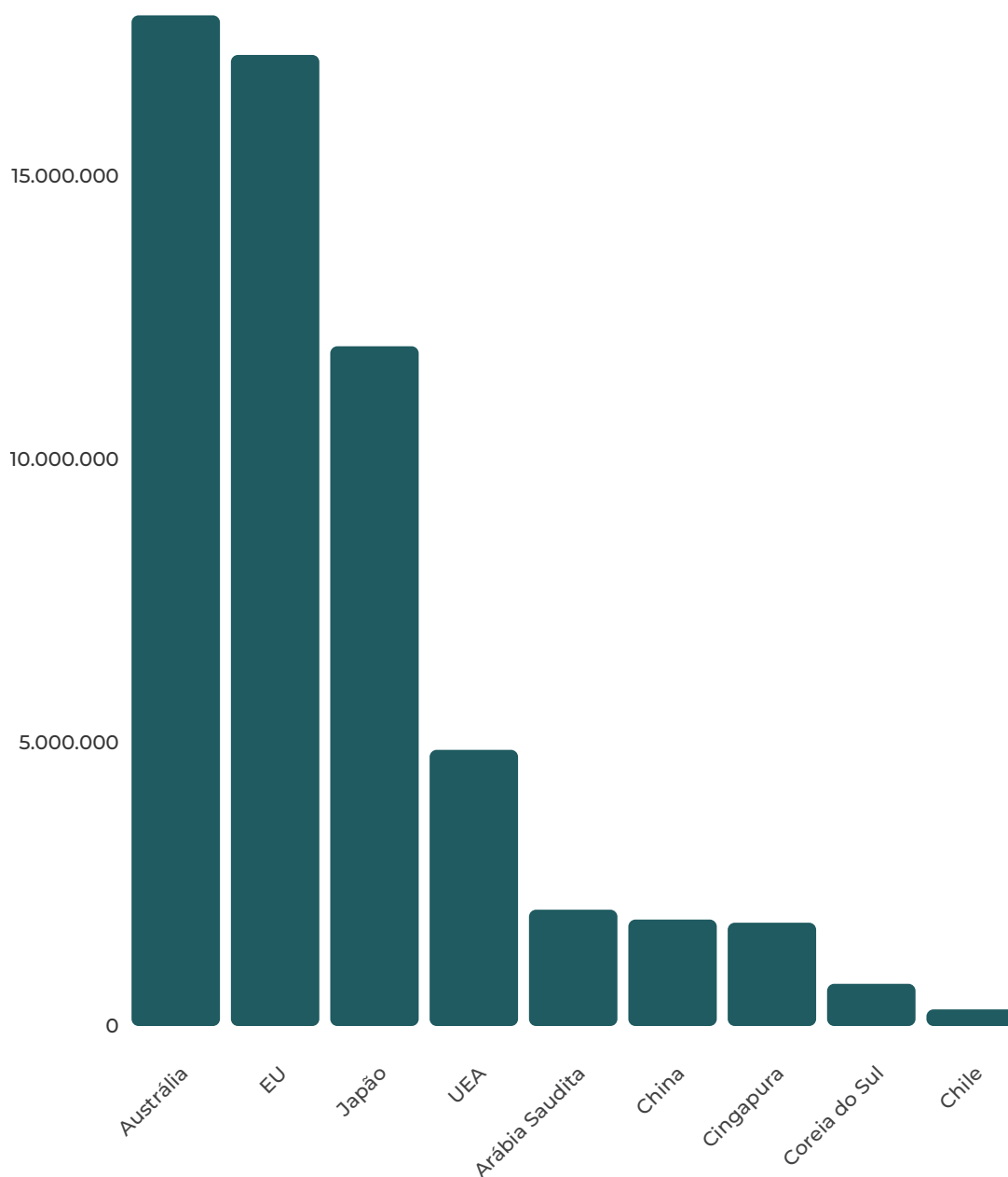
Gráfico 18. **Principais Destinos do Açaí Exportado pelo Brasil**
EUA vs Resto do Mundo (USD)





Como mostra o gráfico 19 abaixo, a Austrália já emergiu como o segundo maior destino dos produtos de açaí exportados pelo Brasil, seguida de perto pelos países da União Europeia. O Japão aparece em quarto lugar, seguido dos Emirados Árabes, Arábia Saudita, China e Cingapura. É uma lista bastante eclética e diversificada, abrangendo múltiplos continentes.

Gráfico 19. **Destinos do Açaí Exportado pelo Brasil** (exceto EUA, USD)





Concorrência

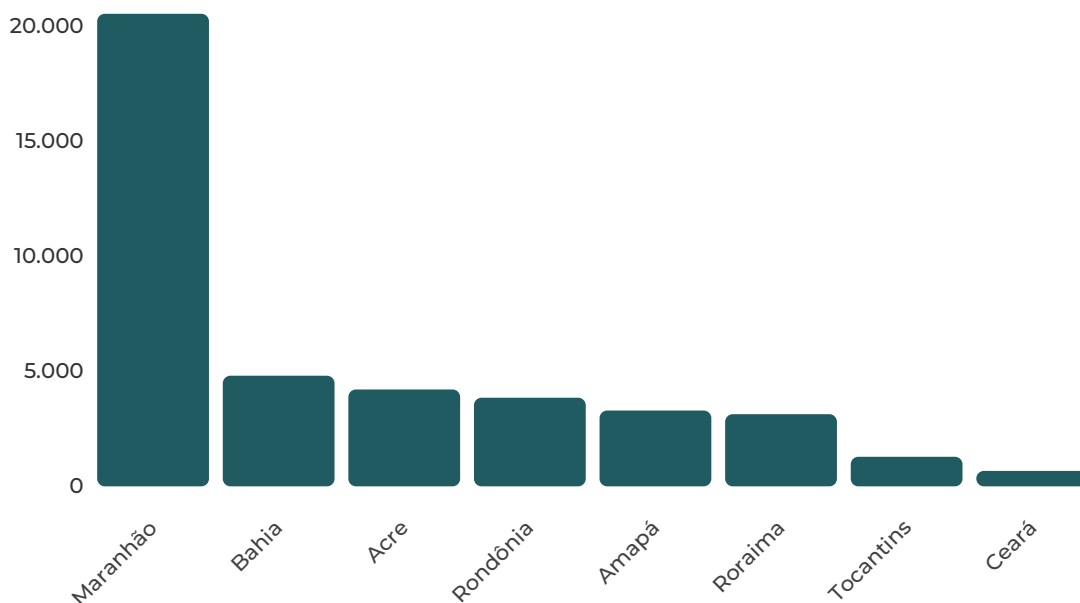
O crescimento da demanda global por açaí tem atraído produtores e governos de diferentes países e regiões do Brasil a investir nesse setor. Embora ainda incipiente, essa concorrência representa uma ameaça crescente à posição de liderança da Amazônia brasileira.

Concorrência Doméstica

Como era de se esperar, os dados do IBGE revelam que já existe uma pequena produção fora da região amazônica. Por exemplo, em terceiro lugar no ranking de produção (em peso, PAM) está a Bahia, com 4.800 toneladas em 2023. Sua produção registrada na PAM é maior do que a produção de Roraima (3.000 tons), Rondônia (2.600 tons) e Maranhão (1.700) em 2023. Lembramos que a produção do Amapá não consta da PAM possivelmente porque são poucos produtores e o IBGE omite os dados para resguardar o sigilo dessas empresas. Outros estados não-amazônicos com produção registrada na PAM são o Ceará (600 toneladas em 2023), Espírito Santo (400 toneladas) e Alagoas (100 toneladas).

Se considerarmos PAM e PEVS juntos, o Maranhão sobe para o terceiro lugar, com 20 mil toneladas, e o Acre encosta na Bahia, com 4.200 toneladas (gráfico 5, abaixo, dados para 2023).

Gráfico 20. **Produção Açaí Fruto (PAM+PEVS), exceto Pará e Amazonas**





Concorrência Internacional

O açaí é endêmico ou bem adaptado para produção em outros países da região amazônica. Os dados disponíveis são escassos, mas os relatos disponíveis sugerem que a Colômbia é o país com maior produção depois do Brasil, onde a fruta da *Euterpe oleracea* é conhecida pelo nome popular de “naidi”. Segundo relatório do P4F, o país produz cerca de 6 mil toneladas de açaí por ano.

A ONG Corpocampo e a empresa Amapuri começaram a operar em 2006 e hoje cultivam 5.000 hectares de açaí. Esses frutos são beneficiados em três unidades processadoras localizadas em Cauca, Nariño e Putumayo, e destinados majoritariamente à exportação. Como a Colômbia tem um acordo de livre comércio com a União Europeia, seu açaí não paga nenhuma tarifa, enquanto o açaí brasileiro é tributado ao entrar naquele bloco econômico.

O setor colombiano conta também com outras entidades relevantes. A Asociacion Asoparaíso (Putumayo) fornece açaí para a Corpocampo, a Corpoamazonia oferece assistência técnica, a Universidad Nacional de Colombia desenvolve pesquisas, e o Fondo Colombia Sostenible, uma iniciativa multilateral apoiada pela Suíça, Suécia e Noruega, oferece financiamento.

Há relatos também de produção no Equador, Bolívia e Peru. No Equador, a empresa Frutimundo está investindo na produção de açaí. No Peru, existem iniciativas embriônicas, como o Fundo San Pedro (Carlos del Carpio) e a Sierra y Selva Exportadora, com exportação total estimada de 300 toneladas. Na Bolívia, a FEDAFAP produziu 100 toneladas em 2024. Outros nomes relevantes são Pulpa Trincheira e Pulpas Abuná, da ASICOPTA (Asociacion Integral de Cosechadores, Productores y Transformadores de Frutos del Abuna).

Encontramos indícios de produção ou investimento em pesquisa nos EUA, tanto no Havaí como na Flórida. No Havaí, a Kahuku Farms começou a plantar açaí em 2008, onde mantém produção pequena para consumo na própria fazenda. Na Flórida, o sucesso ainda é limitado com fazendas piloto onde as palmeiras crescem mas enfrentam dificuldade na floração e o rendimento ainda é baixo.

Não encontramos operações comerciais na Malásia, Indonésia e Filipinas, mas a Penang Tropical Fruit Farm parece estar cultivando açaí de forma experimental.



Aspectos Logísticos

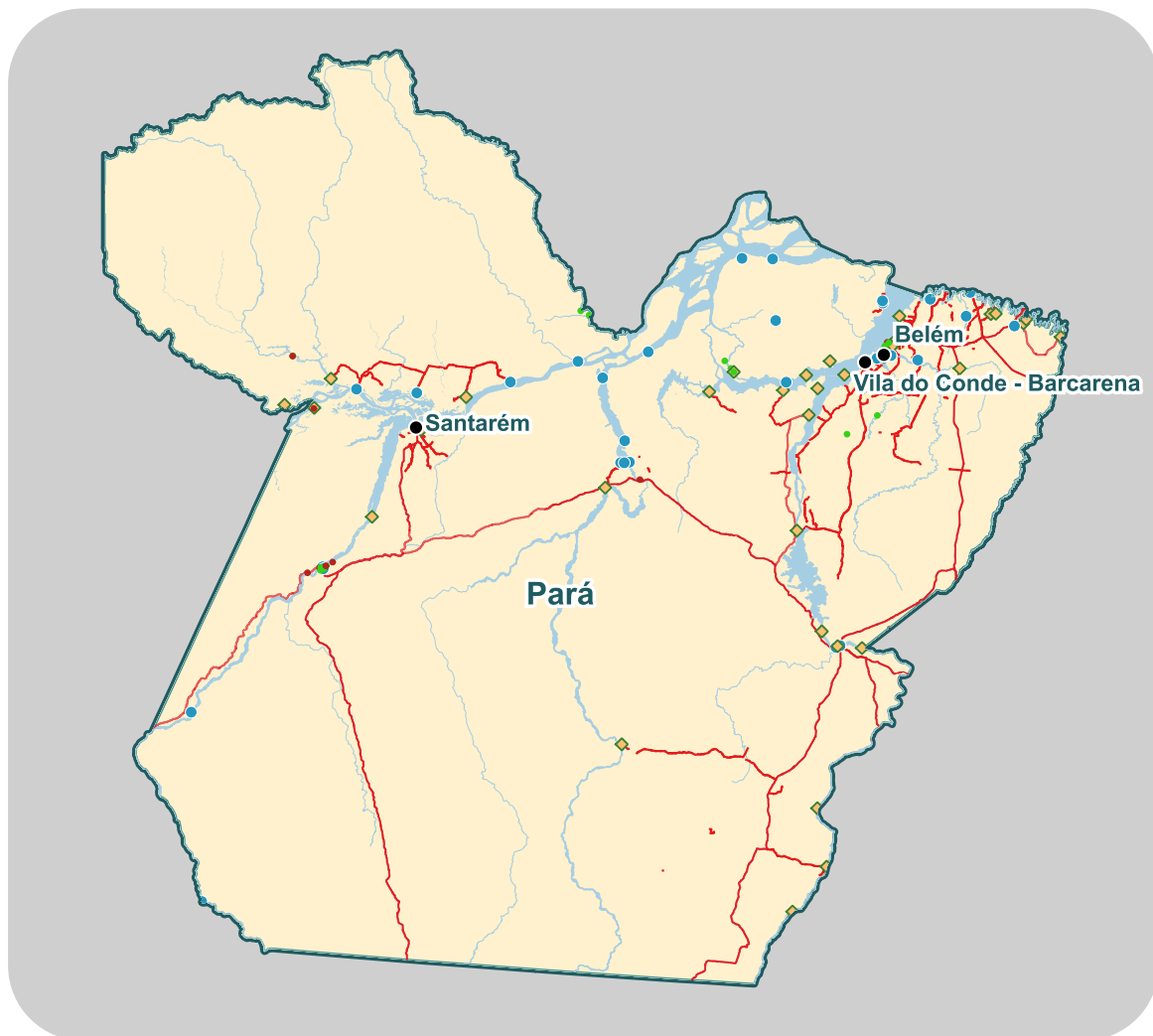
A logística é um dos principais desafios da cadeia do açaí, devido à alta perecibilidade do fruto, que começa a se deteriorar poucas horas após a colheita. No caso do açaí cultivado em terra firme, comumente produzido em áreas mais próximas a centros urbanos e regiões com melhores estradas, o transporte é feito majoritariamente por via rodoviária, em caminhões ou pequenos veículos utilitários. Essa logística tende a ser mais ágil e estruturada, permitindo o uso de veículos com refrigeração e de rotas mais curtas que reduzem o tempo até o beneficiamento, favorecendo a padronização da polpa e um melhor controle de qualidade.

Por outro lado, o açaí extrativo, oriundo de áreas de várzea e de comunidades tradicionais, depende quase exclusivamente do transporte fluvial, que é mais lento e limitado em termos de conservação térmica. Esse transporte é realizado em pequenas embarcações, geralmente sem refrigeração, o que aumenta o risco de deterioração, fermentação precoce e perda de qualidade. Além disso, a infraestrutura dos portos nessas regiões é deficitária, aumentando o risco de degradação e contaminação do fruto. Logo, produtores extrativistas do açaí tendem a ter maiores perdas pós-colheita e uma qualidade menor do produto beneficiado



O Mapa 2 mostra que as regiões com mais produção de açaí, perto de Belém, são as mesmas que têm boa malha rodoviária e acesso fácil ao porto de Barcarena. Essa é uma vantagem importante e que poderia justificar maior adensamento ou tecnificação das áreas de produção existentes, ao invés de expandir a produção para áreas mais longínquas.

Mapa 2. **Localização de portos, instalações portuárias e estradas no Estado do Pará.**



PORTOS MAPEADOS NO PARÁ - ANTAQ

- Porto Organizado
- Porto Público
- Estação de transbordo de cargas
- ◆ Instalações Portuárias Públicas de Pequeno Porte (IP4)
- Terminal de uso privado
- Estradas principais
- Rios Principais



Organizações de Apoio

O setor do açaí no Brasil conta com diferentes tipos de entidades que buscam organizar a ação coletiva dos empreendedores. Em Belém, várias associações representam os pequenos “batedores”, incluindo a Associação de Vendedores de Açaí do Ver-o-Peso, a Associação de Batedores de Açaí, e a Associação dos Batedores Artesanais de Açaí do Município de Belém.

Mais recentemente, foram criadas entidades com escopo maior, como a Associação dos Produtores de Açaí da Amazônia (Amaçai) e, em 2023, a Cooperativa Central Açaí da Amazônia, esta última com apoio da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Essas organizações trabalham para promover pesquisas, estabelecer parcerias com o governo e melhorar a produção e comercialização do açaí.

Os Diálogos Pró-Açaí, criado em 2018, também tem papel importante no setor. A iniciativa promove debates qualificados e desenvolve estudos sobre a sustentabilidade da cadeia, ajudando a fortalecer a governança do setor. Um importante espaço de atuação mantido pelo Diálogos é o Fórum de Direitos Humanos, que reúne sete empresas e um sindicato estadual. Juntos, eles são responsáveis por cerca de 25% das exportações nacionais de açaí. Nesse Fórum, os participantes debatem temas como condições de trabalho, incluindo a prevenção ao trabalho infantil e análogo ao escravo, além de questões relacionadas à origem da matéria-prima e à relação com fornecedores. O Fórum promove a cooperação entre os diferentes atores da cadeia produtiva e órgãos públicos relevantes, como a Inspeção Federal do Trabalho e o Ministério Público do Trabalho.

A Embrapa, com sua expertise em pesquisa e desenvolvimento, também contribui significativamente para o setor do açaí, incluindo tanto o manejo de açaízais nativos como o estabelecimento de áreas plantadas. No manejo de áreas nativas, vale citar o Centro de Referência em Manejo de Açaízais Nativos do Marajó, uma parceria entre a Embrapa Amazônia Oriental e a Associação dos Moradores Agroextrativistas do Assentamento Acutipereira (ASMOGA).

No estabelecimento de novas áreas de produção, o desenvolvimento da variedade BRS Pai d'Égua, adaptada para terra firme, é um exemplo do trabalho da Embrapa para expandir as possibilidades de cultivo do açaí. Além disso, a parceria entre a Assembleia Legislativa do Pará (Alepa) e a Embrapa na criação de um Grupo de Trabalho Permanente, para incentivar a produção de açaí e cupuaçu, busca consolidar um processo contínuo de valorização da ciência e tecnologia aplicadas ao setor agroindustrial.



O governo do Pará, por meio da Lei Estadual nº 8.758/2018, instituiu o Programa de Incentivo à Cultura do Açaí, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento da cadeia produtiva do fruto em todo o estado. A iniciativa prevê o apoio técnico, financeiro e institucional à produção, beneficiamento, comercialização e exportação do açaí, abrangendo tanto o cultivo quanto o extrativismo. Entre as diretrizes do programa estão a ampliação da produção sustentável, o fortalecimento da agricultura familiar, a valorização dos saberes tradicionais e o estímulo à pesquisa científica e tecnológica aplicada ao setor.

Outra medida realizada pelo Governo do Pará, com foco geral na bioeconomia foi a instauração do Plano Estadual de Bioeconomia do Pará (PlanBio), pelo Decreto nº 1.943/2022. O PlanBio é coordenado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas) e articula governo, setor privado, academia, organizações da sociedade civil e povos e comunidades tradicionais (PIQCTs) em torno de uma agenda de desenvolvimento sustentável baseada na valorização da biodiversidade e do conhecimento tradicional.

No contexto do açaí, o PlanBio busca fomentar práticas produtivas de baixo carbono, promover a agregação de valor a produtos amazônicos, apoiar negócios comunitários e incentivar políticas públicas de fomento à bioeconomia. Além disso, o plano prevê a construção de um ambiente favorável ao investimento e à inovação, com o objetivo de aprimorar as cadeias de valor e a sua sustentabilidade.



Principais Negócios

O sucesso da Mesa Executiva depende da adesão de membros da vanguarda produtiva. Para identificar esses potenciais candidatos, consultamos uma série de fontes. Em especial, consultamos a lista de membros dos Diálogos Pró-Açaí e o Grupo de Trabalho de Direitos Humanos. Consultamos também as listas anuais de empresas exportadoras que costumavam ser disponibilizadas pelo MDIC, com cobertura de 1997 até 2020. Consultamos também um relatório da ApexBrasil, descrevendo as empresas do Pará e Amapá que foram atendidas pelo PEIEX entre 2021 e 2023. Por fim, conduzimos uma busca ativa na internet, e aproveitamos das redes de contatos dos membros da equipe.



Riscos e Desafios

A análise dos dados apresentados, combinada com levantamento junto aos beneficiadores, revela cinco categorias de desafios que transcendem a capacidade de resolução individual das empresas e justificam abordagem coordenada:

- I. Questões trabalhistas** – a imprensa internacional reporta de forma recorrente condições precárias na colheita, incluindo trabalho infantil e análogo à escravidão. Este é o risco mais imediato à sustentabilidade dos mercados internacionais. Diferente de questões técnicas ou logísticas, problemas trabalhistas podem gerar grande dano reputacional e prejudicar o acesso do produto aos mercados mais exigentes na Europa e nos EUA.
- II. Questões ambientais** – uma boa parte do açaí é colhida em áreas nativas, mas a alta da demanda (e do preço) aumenta o risco da “açaização” de grandes áreas na Amazônia, i.e. a eliminação de outras espécies em áreas nativas para permitir a reprodução dos açaís, e a plantação de açaí em áreas de terra firme (muitas vezes com irrigação). Essas plantações podem ser associadas com recuperação de áreas degradadas, o que é positivo, mas podem também agir como vetor de desmatamento, o que é obviamente negativo.
- III. Padronização e tributação** – a ausência de normas claras para rotulagem, classificação de qualidade e definição dos produtos derivados do açaí gera insegurança tributária e tarifária bem como entraves ao desenvolvimento do setor. Termos como “creme de açaí” ou “sorvete de açaí” não têm padronização regulatória, o que dificulta a fiscalização sanitária e a comercialização interestadual. Além disso, há divergências na tributação aplicável conforme a concentração de sólidos no produto e na experiência do consumidor com o produto.
- IV. Monitoramento da safra** – a cadeia do açaí ainda não conta com um sistema de monitoramento de safra que permita acompanhar o comportamento da produção ao longo do ano. Essa ausência dificulta o planejamento e a organização do setor, além de comprometer a capacidade de resposta a variações climáticas e oscilações de mercado.



V. Tecnologia e inovação – há demanda por soluções tecnológicas voltadas a toda a cadeia do açaí, desde a colheita segura, até o desenvolvimento de variedades de plantas mais resistentes à variação climática. Essas inovações também se fazem necessárias no processamento, na classificação e conservação da polpa, bem como no controle de qualidade do produto que chega ao consumidor.

VI. Segurança alimentar – os amazônidas, e em especial os paraenses, estão acostumados a consumir açaí com frequência, mas o crescimento da demanda externa dificulta o acesso de pessoas de menor renda a esse produto básico da alimentação regional. Existe uma pressão cada vez maior, por parte da população local e de menor renda, por iniciativas públicas que controlem o preço do açaí no mercado. Esse tipo de pressão é compreensível, mas pode levar o governo a adotar medidas que prejudicam a expansão e aprimoramento do setor.



Considerações Finais

Os dados apresentados revelam um setor em momento de decisão. Ao longo das últimas décadas, os beneficiadores de açaí paraenses construíram uma posição de liderança baseada em vantagens naturais e conhecimento acumulado. Contudo, esse sucesso comercial, caracterizado por preços elevados, demanda crescente e reconhecimento internacional, expõe vulnerabilidades, atrai escrutínio sobre suas práticas e chama a atenção de concorrentes interessados em aproveitar as oportunidades de lucro do segmento. Nesse contexto, a trajetória futura do setor depende não só das condições atuais, que são favoráveis, como também da capacidade coletiva de transformar vantagens temporárias em diferenciação sustentável.

Os aspectos positivos são numerosos. A produção permanece concentrada no Pará, com 80% do volume nacional ocorrendo no nordeste do estado e no entorno de Marajó. Os preços ao produtor estão em ascensão, mesmo com expansão da oferta. Idem para o preço da polpa industrializada. O mercado internacional cresce aceleradamente, com exportações atingindo US\$140 milhões em 2024 e alcançando mais de 30 países. Adicionalmente, o setor avança na curva de valor. As exportações agora incluem não apenas polpas, mas sorvetes, pós liofilizados e outros produtos de maior processamento. Essa diversificação indica maturidade tecnológica e capacidade de atender mercados exigentes.

Contudo, esse mesmo sucesso expõe vulnerabilidades que podem ser danosas. Reportagens sobre trabalho infantil na colheita ameaçam o acesso a mercados premium na Europa e Estados Unidos. A expansão acelerada da área plantada, embora necessária para atender a demanda, pode transformar um símbolo de sustentabilidade amazônica em sinônimo de degradação ambiental. A concorrência está aumentando. Por exemplo, a Colômbia já produz 6 mil toneladas anuais com vantagem tarifária na União Europeia, enquanto outros países da bacia amazônica intensificam investimentos. Internamente, o aumento de preços dificulta o acesso da população local de menor renda ao açaí, alimento básico da dieta regional, gerando pressão política por controle de preços.



Os desafios identificados neste relatório compartilham uma característica: eles transcendem a capacidade de resolução individual. Nenhuma empresa consegue, isoladamente, estabelecer padrões trabalhistas que cubram toda a cadeia de fornecimento, criar sistemas de rastreabilidade de origem que gerem confiança nos mercados internacionais, desenvolver marcos regulatórios que tragam segurança jurídica, implementar monitoramento de safra que permita planejamento eficiente, ou financiar a pesquisa tecnológica necessária para inovações em colheita, processamento e desenvolvimento de novos produtos. Essas são, por natureza, agendas coletivas que exigem coordenação horizontal entre produtores e vertical com órgãos públicos, universidades e organizações da sociedade civil.

Nesse contexto, a Mesa Executiva pode cumprir papel crucial. Em especial, a Mesa pode (1) construir consenso entre empresas concorrentes sobre prioridades compartilhadas; (2) amplificar a voz do setor junto a órgãos reguladores e formuladores de política; (3) coordenar investimentos em recursos compartilhados setoriais, como pesquisa, capacitação e sistemas de informação; e (4) estabelecer padrões voluntários favoráveis que eventualmente se tornem normas de mercado.

Por fim, a abordagem experimentalista proposta pela metodologia das Mesas permite testar soluções, aprender rapidamente e escalar o que funciona. Esse tipo de abordagem é particularmente adequada para um setor em transformação acelerada onde os desafios ainda não são plenamente conhecidos.



Autores

SALO COSLOVSKY

Professor associado da Universidade de Nova York.

MANUELE LIMA

Coordenadora de projetos do Centro
de Empreendedorismo da Amazônia

AMANDA MARTINS

Consultora em projetos socioambientais,
governamentais e empresariais.

Agradecimentos

Agradecemos os comentários de Alexandre Mansur, Beto Veríssimo, Brenda Brito, Joana Chiavari, Juliano Assunção, Paulo Barreto e demais participantes das reuniões virtuais do projeto Amazônia 2030. Também agradecemos o apoio adicional da Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Clima e Sustentabilidade do Pará (SEMAS).

Este relatório contou com apoio financeiro de Norsk Hydro, Instituto Clima e Sociedade (ICS) e Instituto Arapyau.

Os dados e opiniões expressos neste trabalho são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião dos financiadores deste estudo

PALAVRAS-CHAVE

Exportação; Açaí; Produtos compatíveis com a floresta; Desmatamento; Ordenamento Territorial; Regularização Fundiária; Desenvolvimento Sustentável; Políticas Públicas



Sobre o Amazônia 2030

O projeto Amazônia 2030 é uma iniciativa de pesquisadores brasileiros que busca desenvolver um plano de desenvolvimento sustentável para a Amazônia brasileira. Seu objetivo é oferecer condições para que a região alcance um patamar mais elevado de desenvolvimento econômico e humano, garantindo o uso sustentável dos recursos naturais até 2030.

Assessoria de Imprensa

O Mundo que Queremos

Capa

Geiber D. Silva / O Mundo Que Queremos

Design e infografia

Kauan Machado / O Mundo Que Queremos

Jornalista responsável

Gustavo Nascimento / O Mundo Que Queremos

gustavo.nascimento@omundoquequeremos.com.br

amazonia2030@omundoquequeremos.com.br

contato@amazonia2030.org.br



Referências

ALEPA. ALEPA e Embrapa criam grupo permanente de trabalho para incentivar a produção do açaí e cupuaçu. 2022. Disponível em: <https://alepa.pa.gov.br/Comunicacao/Noticia/5347/alepa-e-embrapa-criam-grupo-permanente-de-trabalho-para-incentivar-a-producao-do-acai-e-do-cupuacu>

ANTAQ - Agência Nacional de Transportes Aquaviários. Portos Mapeados. 2025.

DNIT. Ministério dos Transportes. Estradas. 2025.

EMBRAPA. Cuidados com os frutos antes do processamento. Agência Embrapa de Informação Tecnológica. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/acai/pos-producao/tecnologia-pos-colheita/cuidados-com-os-frutos-antes-do-processamento>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Açaí BRS Pará. Portal Embrapa, Brasília, 2005. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-solucoes-tecnologicas/-/produto-servico/10025/acai-brs-para>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Farias Neto, João Tomé de; Carvalho, José Edmar Urano de; Oliveira, Maria do Socorro Padilha de; Nascimento, Walnice Maria Oliveira do. Estimativas de produtividade. In: EMBRAPA. Agência de Informação Tecnológica: Açaí. Brasília: Embrapa, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/acai/producao/estimativas-de-produtividade>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA). Nota Técnica. Conjuntura Econômica do Açaí Paraense. 2024. Disponível em: <https://www.fapespa.pa.gov.br/wp-content/uploads/2024/06/Nota-Tecnica-Conjuntura-da-Economia-do-Acai-2024.pdf>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Agropecuário. 1996.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Agropecuário. 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Agropecuário. 2017.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Produção Agrícola Municipal (PAM). 2025b. Disponível em: <https://bit.ly/45ecdHx>



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Produção da Extração Vegetal e da Silvi-cultura (PEVS). 2025a. Disponível em: <https://bit.ly/4e9svWo>

Ludgero Rêgo Barros Neto, Armando Lirio de Souza, Celso Pereira de Oliveira, Cleyton Alves Candeira Pimentel, Riziane Duarte Portal Alves. Análise da certificação de produtos orgânicos no estado do Pará, Brasil: resultados e perspectivas. Revista Macambira. 2023. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/RM/article/view/935/987>

Mattietto, Rafaella de Andrade. Aspectos tecnológicos. In: EMBRAPA. Agência de Informação Tecnológica: Açaí - Pós-produção - Processamento. Brasília: Embrapa, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/acai/pos-producao/processamento/aspectos-tecnologicos>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Comex Stat. 2025.

Nunes, D. C. S. Et al. Caracterização e análise econômica do Arranjo Produtivo Local do Açaí no estado do Amapá. Macapá: Embrapa Amapá, 2017. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1081159/1/CPAFAP2017Caracterizacaoanaliseeconomicaaplacai.pdf> . Acesso em: 15 abr. 2025.

Wallace, A. R. 1853. Palm trees of the Amazon and their uses. London: John Van Voorst., disponível em <https://wallace-online.org/content/frameset?pageseq=1&itemID=S713&viewtype=text>